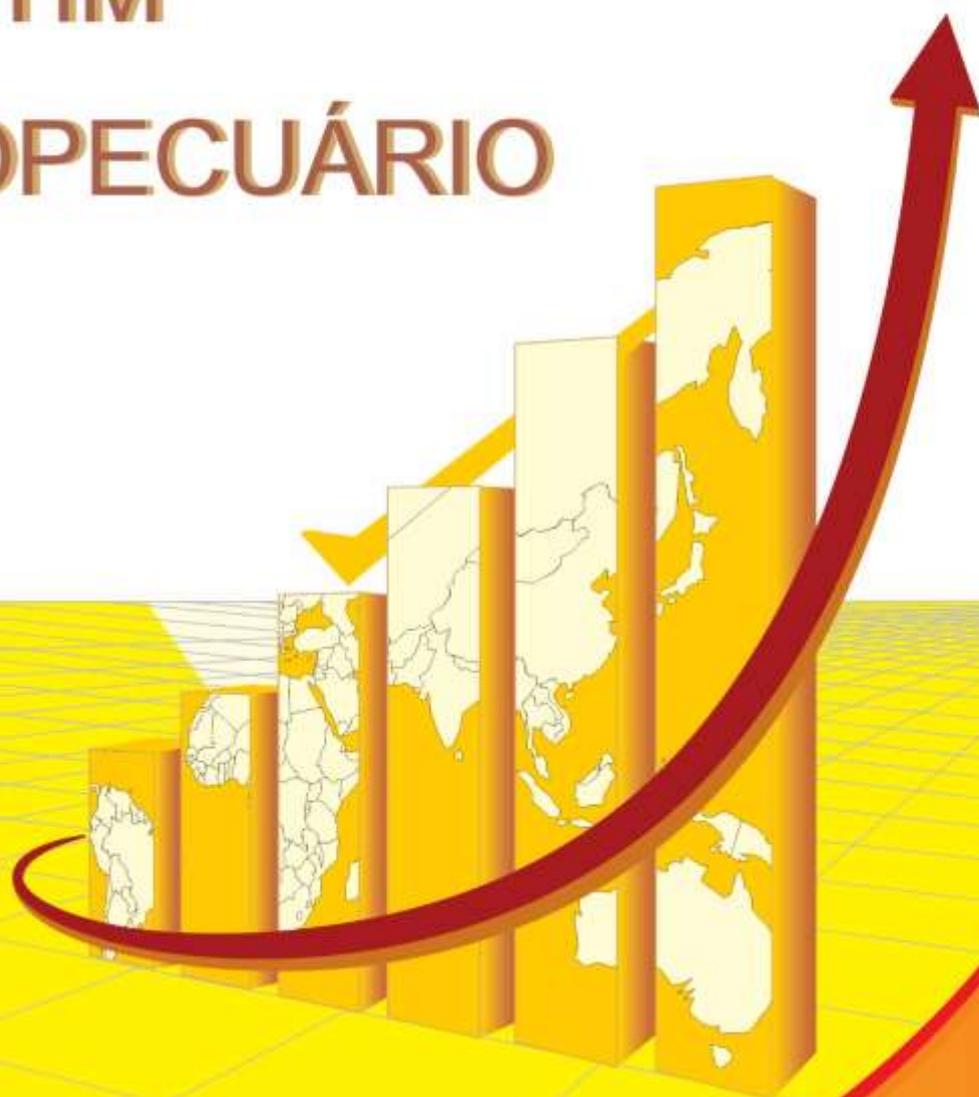


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



ISSN 0100-8986

DOCUMENTOS Nº 294

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: junho de 2019 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Junho/2019.
Florianópolis, 2019, 58p. (Epagri. Documentos, 294).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em
abril/2019 passou a integrar a série Documentos com
numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

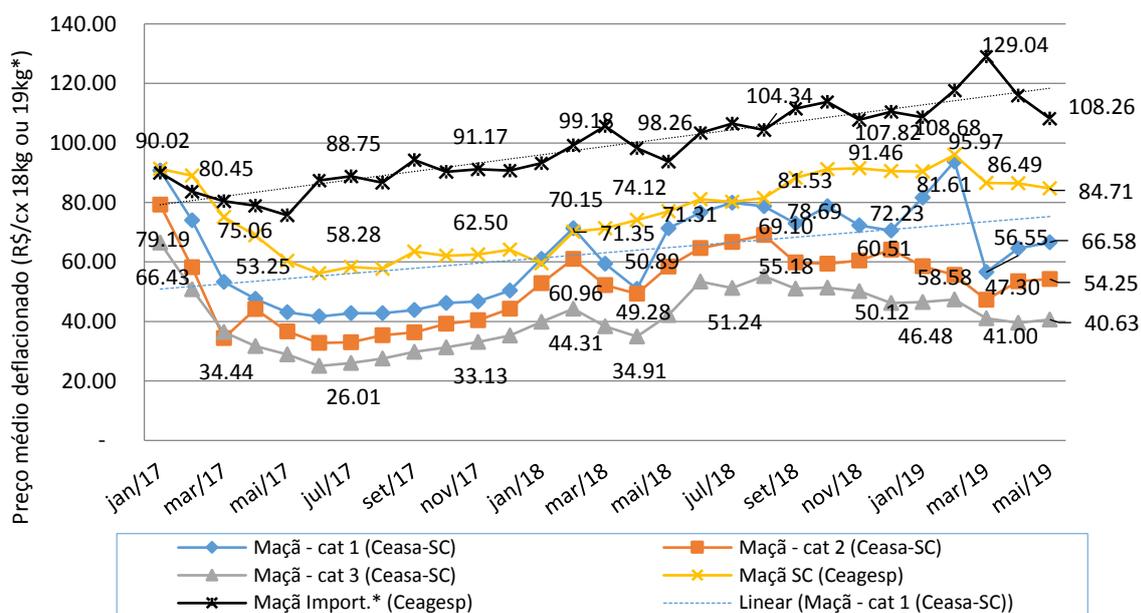
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	14
Milho.....	18
Soja	22
Trigo.....	26
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	33
Pecuária	36
Avicultura.....	36
Bovinocultura	43
Suinocultura.....	49
Leite	57

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (mai./19=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

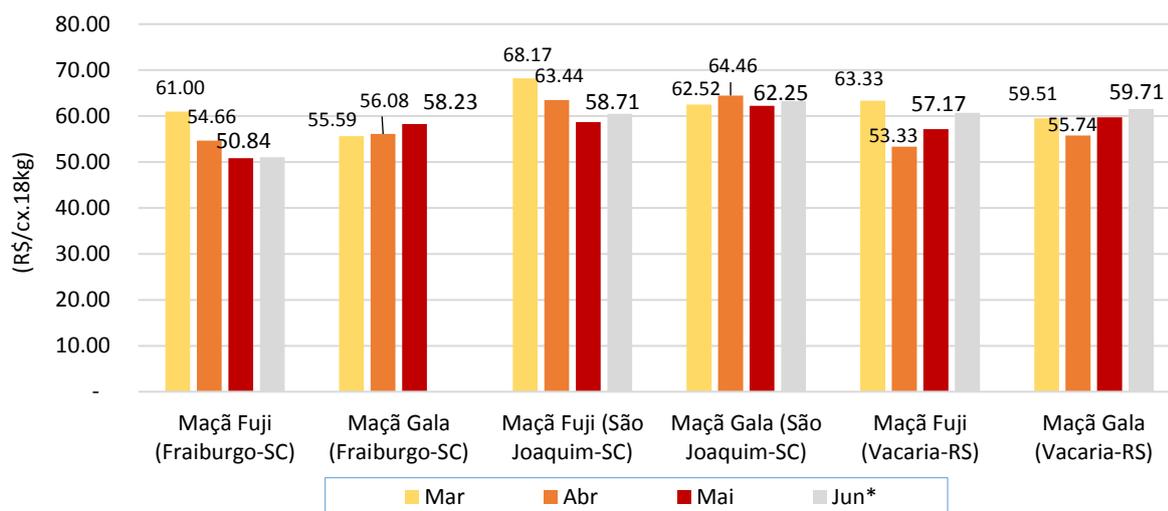
Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

Na Ceasa/SC, entre abril e maio, com o final da colheita da maçã Gala e a comercialização de frutas frescas, houve valorização de cerca de 3,11% no preço da maçã cat.1 no mercado atacadista. Os preços de maio foram 6,6% menores que os do mesmo mês de 2018. Com melhor qualidade na fruta, a categoria 2 foi comercializada, em maio, com valorização de 1,34% nas cotações em relação a abril. Já a categoria 3, foi negociada com preços que representaram 61% do valor da categoria principal (cat. 1), com valorização de 2,78% em comparação ao mês anterior. Com a redução de oferta, as cotações da maçã Gala se recuperam entre abril e maio, com expectativa de manutenção nos preços no próximo mês.

Na Ceagesp, a maçã catarinense comercializada apresentou desvalorização nas cotações de 1,94% entre abril e maio, devido ao aumento na oferta de frutas frescas e a concorrência de outras frutas da época (como caqui e tangerina), o que reduziu a demanda pela fruta. Os preços da maçã importada, entre março e maio, foram reduzidos em 16,10%, com aumento no volume comercializado na central paulistana. O aumento da oferta europeia da fruta começa a afetar o preço da fruta estrangeira e aumentar o volume negociado na Ceagesp.

Na Ceagesp, principal central de abastecimento do país, o volume comercializado de maçãs está 4,5% menor nos cinco primeiros meses do ano em relação ao mesmo período do ano passado. A central paulistana movimentou, de janeiro a maio, mais de 48,3 mil toneladas de maçãs frescas, gerando um

valor negociado de mais de R\$ 253,5 milhões. Nestes cinco meses, o estado de Santa Catarina participou com 51% do volume de maçã fresca comercializado na central paulistana, o estado do Rio Grande do Sul com 22% e as frutas importadas com 13% do total. Em maio de 2019, a maçã catarinense na Ceagesp representou 62% do volume total comercializado da fruta, com 6,4 mil toneladas, gerando um valor negociado de mais de R\$ 30,5 milhões no mês. É estimado que 35% da produção catarinense de maçãs é negociada em centrais de abastecimento do país, sendo cerca de 30% na Ceagesp paulistana, quase 20% na Ceasa de Goiânia e 12% na Ceasaminas de Belo Horizonte.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada; * primeira quinzena do mês

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor

Em Fraiburgo, com a colheita da maçã Fuji finalizada na região, as cotações entre março e abril desvalorizaram 10,4%. Em maio, o preço apresentou menor desvalorização (7%) em relação ao mês anterior, mas a estratégia foi de escoar as frutas frescas de menor qualidade para equilibrar a oferta e o preço da fruta no segundo semestre. Para a maçã Gala, a recuperação nos preços resultou da redução da oferta de fruta fresca no mercado, com aumento do estoque de fruta em atmosfera controlada. A expectativa é de manutenção das cotações a partir da segunda quinzena de junho, com a comercialização das frutas de atmosfera controlada (AC).

Na região de São Joaquim, a colheita está sendo encerrada, com aumento da oferta de frutas frescas sem condições de armazenamento. Com cotações mais altas que as da safra anterior, a estratégia dos produtores é escoar as frutas frescas para garantir melhores preços nos próximos meses. Houve redução de 7,5% nas cotações da maçã Fuji e 3,4% nas da maçã Gala. Com clima favorável para a colheita, mesmo com algumas ocorrências de chuvas no mês de maio, a qualidade da fruta na safra está adequada, com pouca incidência de doenças e calibres adequados aos padrões do mercado. A redução da participação de maçãs de categoria 3 na safra 2018/19 elevou os preços totais da fruta, com estimativas de 60% de maçãs cat. 1 e 25% de maçãs cat. 2, o que pode garantir bons preços para as frutas estocadas que serão comercializadas no segundo semestre de 2019.

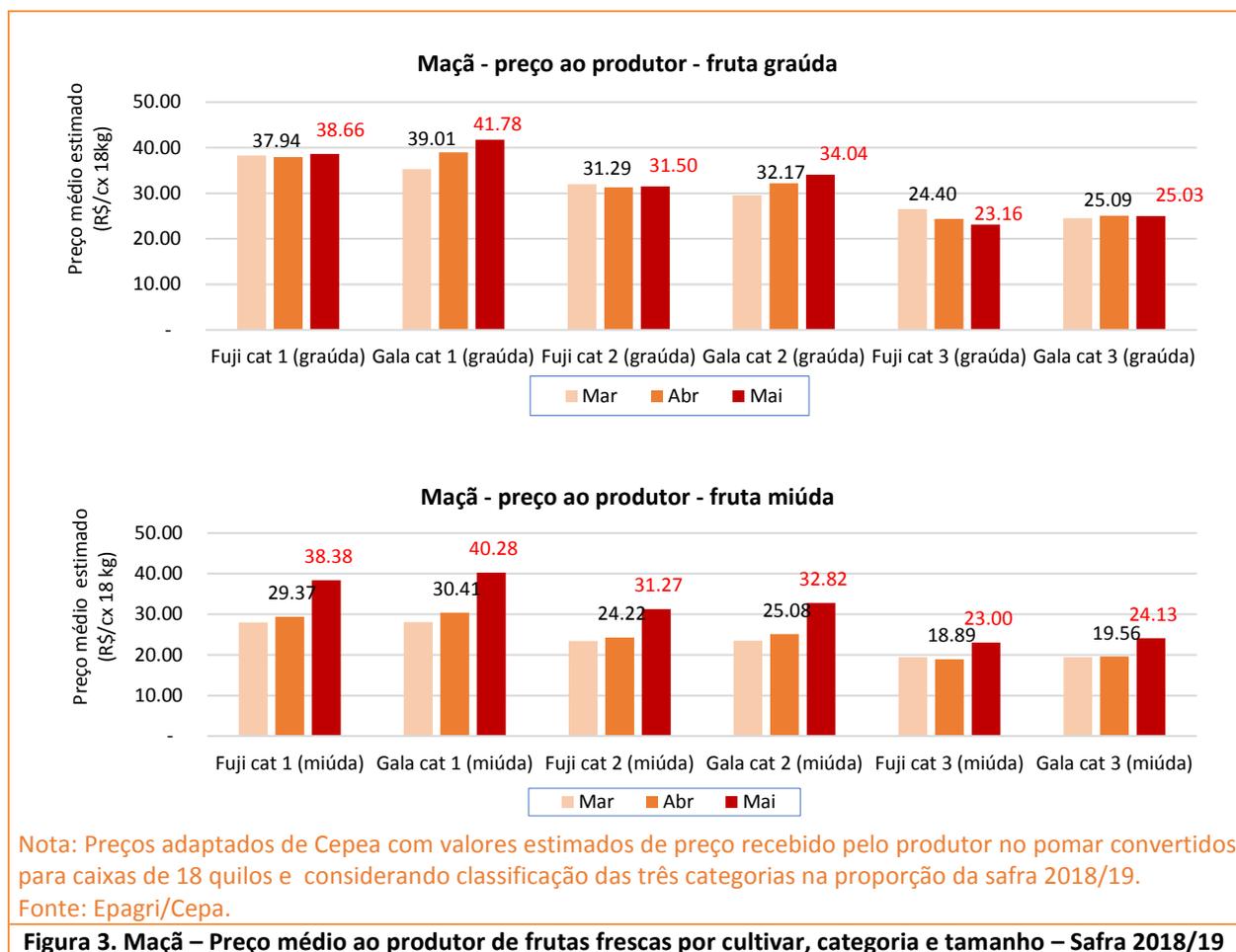


Figura 3. Maçã – Preço médio ao produtor de frutas frescas por cultivar, categoria e tamanho – Safra 2018/19

Para a safra 2018/19 é estimado que as frutas graúdas (de 80 a 120 frutas por caixa de 18 kg) representaram mais de 60% do volume produzido, sendo o restante de frutas de menor calibre ou miúdas (135 a 180 frutas por caixa de 18 kg). Ao estimar os preços médio das maçãs de cultivar Fuji e Gala negociados por produtores cooperados com frutas classificadas nos “bins” e com conversão para caixas de 18 quilos, houve valorização nas cotações das frutas graúdas de 7,1% para Gala e 1,89% para Fuji da categoria 1. As frutas miúdas, valorizadas nos mercados das Regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil e principal demanda dos países importadores das maçãs brasileiras, devido a menor oferta desse calibre na safra, apresentaram preços valorizados em torno de 30% nas duas cultivares de categorias 1 e 2, entre abril e maio de 2019. Já as frutas miúdas, de categoria 3, direcionadas para a indústria de suco, em função da menor produção e calibre na safra, apresentaram valorização de mais de 20% nas suas cotações, com aumento da demanda no mercado interno e exportador de suco de maçã.

Entre janeiro e maio de 2019 as exportações brasileiras de maçãs somam US\$ 40,98 milhões (FOB), sendo 72% referente a negociação de frutas gaúchas e 27% de frutas catarinenses. As exportações de Santa Catarina apresentaram, nos cinco primeiros meses do ano, redução de 36,6% no volume exportado, de 24,2 mil toneladas em 2018 para 15,4 mil toneladas em 2019.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2017/18 e a estimativa de 2018/19

Principais MRG com cultivo de maçã	2017/18			Estimativa 2018/19			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produt. média (%)
Joaçaba	2.445	92.279	37.737	2.445	88.588	36.228	0,0%	-4,0%	-4,0%
Curitibanos	960	35.525	37.016	960	34.459	35.906	0,0%	-3,0%	-3,0%
Campos de Lages	11.961	443.300	37.208	11.908	451.371	34.969	-0,4%	1,8%	-6,0%
Outras	130	3.548	27.292	122	3.264	26.712	-6,2%	-8,0%	-2,1%
Total	15.443	570.064	36.914	15.435	577.682	37.426	-0,1%	1,3%	1,4%

Fonte: Epagri/Cepa (maio 2019).

Com o final da colheita da maçã nas principais regiões produtoras brasileiras, a expectativa é de que 15% da produção seja comercializada como frutas frescas no primeiro semestre de 2019 e 85% da produção armazenada em câmaras frias de atmosfera controlada, para comercialização no segundo semestre do ano. A safra 2018/19 está prevista com 55% da produção de maçãs Fuji, 44% de maçãs Gala e 1% de maçãs precoces.

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

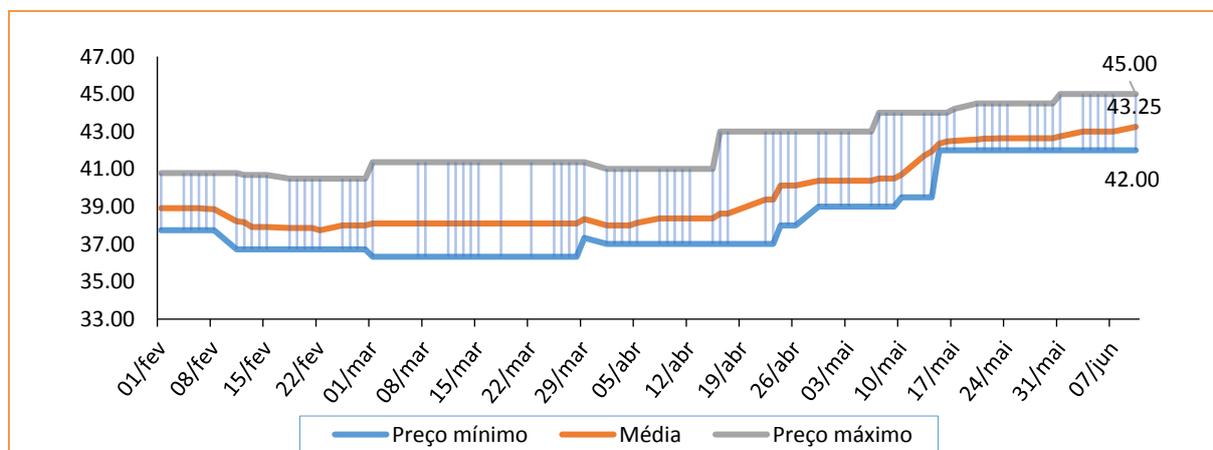


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

Figura 4 . Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Abr./2019) – R\$/sc 50kg

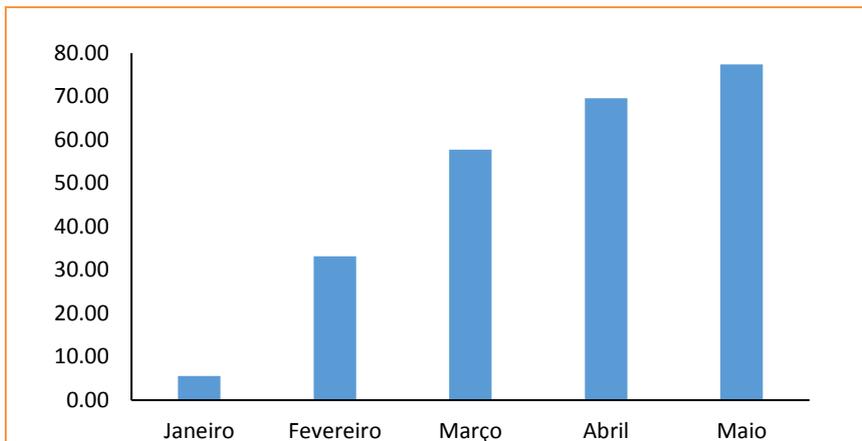
Os preços do arroz em casca continuaram valorizando em maio de 2019. Em relação ao mês de abril, os preços catarinenses valorizaram em 7,5%, enquanto os preços gaúchos fecharam quase 6% acima do mês anterior. Em relação ao mesmo período de 2018, observa-se que os preços catarinenses foram 18,27% maiores e os gaúchos 12,79% maiores, em termos reais. A colheita, em fase final nos dois estados, aponta para uma safra 11% menor no país, com produtividades médias

menores em relação à safra 2017/18. Com isso, a oferta interna diminuiu e os preços domésticos tendem a aumentar, o que justifica a valorização ocorrida nos preços nos dois estados nos últimos meses. Analisando a evolução diária do preço mínimo, médio e máximo dos meses de fevereiro a junho no estado de Santa Catarina, observa-se que os preços podem apresentar diferenças de até R\$ 3,00, a depender da região e qualidade do produto. Na média do estado, os preços fecharam em R\$ 41,87 no mês de maio. Nos primeiros dias de junho os preços variaram no estado entre R\$ 42,00 e R\$ 45,00 a saca de 50 kg.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 5. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a jun./2019) – R\$/sc 50kg

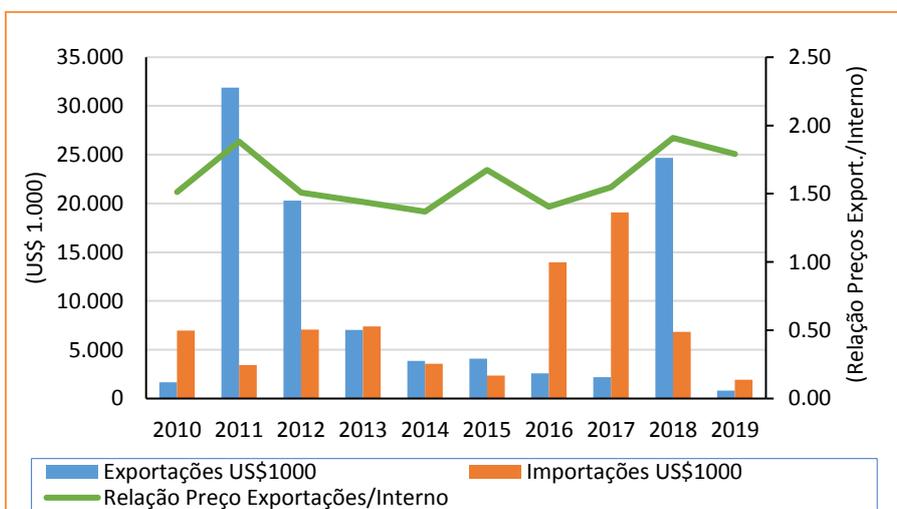


Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 6. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do percentual de comercialização da safra 2018/19 – janeiro a maio de 2019

A colheita do arroz no estado encontra-se finalizada. Na comparação com as safras passadas, observa-se que o andamento da colheita seguiu ritmo normal, sem atrasos. As lavouras se desenvolveram normalmente, mas o excesso de calor ocorrido no período da floração resultou em abortamento da flor grão e redução da produtividade média em todas as microrregiões produtoras. Quanto à comercialização, nota-se que de janeiro a maio de 2019 cerca de 77% da produção já havia sido

comercializada no estado. Com mercado aquecido, os produtores com capacidade de estocagem e sem necessidade de fazer caixa estão segurando a produção na expectativa de que os preços aumentem. O restante da produção deverá ser comercializado ao longo do ano, conforme necessidade da indústria.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 7. Arroz irrigado – Santa Catarina: exportações catarinenses em US\$ 1.000 e relação entre os preços de exportações e internos

No que diz respeito ao mercado externo, observa-se que de janeiro a maio foram exportados 1,6 mil toneladas de arroz e derivados por Santa Catarina, o que equivale a US\$ 808 mil. Em contrapartida, a entrada de produto equivaleu a US\$ 1.913,3 mil, tornando a balança comercial do estado para este produto negativa. Observa-se no gráfico ao lado que a relação entre o preço de exportação e o interno foi menor em relação à do ano de 2018. Isto se deve a valorização dos preços internos, bem como à redução

dos preços internacionais, o que resulta em um mercado interno atrativo.

Tabela 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo safra 2017/18 e safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 Estimativa Atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	383.657	7.445	0,00	-5,04	-5,04
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	66.122	8.042	-1,60	-1,82	-0,22
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	148.564	7.138	-0,21	-8,83	-8,63
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.215	7.290	-26,69	-18,00	11,85
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	74.924	8.147	0,93	2,46	1,51
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	145.346	8.064	-7,73	-11,84	-4,45
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.787	81.176	8.294	-8,55	-15,38	-7,46
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	16.334	6.560	-7,43	-19,54	-13,08
Tubarão	21.094	173.214	8.212	20.928	157.910	7.545	-0,79	-8,84	-8,11
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.251	1.090.883	7.615	-2,51	-7,76	-5,38

Fonte: Epagri/Cepa (março/2019).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 continuam apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de 2,51%. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. É possível perceber uma redução de 5,38% na produtividade média das lavouras em relação à safra 2017/18. Entre as principais causas desta redução está o excesso de calor no período de florescimento, o que levou a formação de espiguetas falhadas em decorrência do abortamento da flor. Destaca-se, contudo, que as lavouras plantadas no cedo apresentaram altas produtividades médias, principalmente na região litoral norte do estado, o que impediu que essa redução fosse maior. Atualmente, a estimativa aponta para uma área de 143,2 mil hectares, produção de 1,09 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,6 toneladas por hectare. Com isso, a demanda da indústria a ser atendida por outros estados ou países é de aproximadamente 360 mil toneladas, com origem principalmente no Rio Grande do Sul e Paraguai.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em maio a colheita do feijão 2ª safra (safrinha) alcançou de cerca de 90% da área plantada. A região mais atrasada é o Sul do estado, nas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, nas quais ainda resta colher 54, 48 e 51%, respectivamente. Esta segunda safra de feijão teve comportamento bastante diferente da safra passada. O excesso de umidade na época de colheita prejudicou a qualidade do produto colhido, com grande quantidade de lavouras apresentando grãos mofados e germinados dentro das vagens, comprometendo significativamente a qualidade e a quantidade da produção.

No estado do Paraná, segundo o Dera, até o final de maio cerca de 69% das lavouras já foram colhidas, também prejudicadas pelo excesso de chuvas, sendo 51% das lavouras consideradas boas; 35% médias e 14% ruins. No Rio Grande do Sul, cerca de 68% da área plantada já foi colhida, com as lavouras também prejudicadas pelo excesso de chuvas. Segundo dados da Emater/RS, essa safrinha de feijão será menor do que a colhida na safra passada, com produção de baixa qualidade nas áreas mais afetadas pelas chuvas.

Com os prejuízos causados pelas chuvas na safrinha da Região Sul, a expectativa do mercado é de que os preços voltem a reagir a partir do início do mês de junho. Em Santa Catarina, o preço médio da saca de 60 kg de feijão-carioca, na praça de referência de Joaçaba, passou de R\$ 183,75 em abril para R\$ 126,18 em maio, variação negativa de 31,3%. O mesmo ocorreu nos principais estados produtores: no Paraná, baixa de 38,8%, em São Paulo, baixa de 33,7%, em Minas Gerais, baixa de cerca de 18,7%, e em Goiás baixa de 8,8%. Apesar das recentes baixas nas cotações, na comparação entre maio de 2019 e de 2018, para todos os estados acompanhados, a variação dos preços nominais foi positiva. Os produtores catarinenses de feijão-carioca, considerando todas as regiões produtoras e não apenas a praça de referência, em maio de 2019 receberam, em média, R\$ 107,86/sc 60kg, contra R\$ 97,25/sc 60kg alcançado em maio de 2018, aumento de 11% acumulado dos últimos 12 meses.

Para os produtores de feijão-preto, a redução nas cotações no mês de maio foram menos significativas que as do feijão-carioca. Em Santa Catarina, a baixa no preço do feijão-carioca influenciou na redução da cotação do feijão-preto, que registrou uma queda na ordem de 13%. Em maio de 2019, os produtores catarinenses receberam, em média, R\$ 121,90/sc de 60kg na região de Canoinhas. Contudo, em relação há um ano o incremento dos preços, em termos nominais, foi de 4,2%.

Tabela 3. Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor – Safra 2018/19 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Maio/2019	Abr./2019	variação (%)	Maio/2018	Variação anual abr./19 – abr./18 (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	126,18	183,75	-31,33	110,00	14,71
Paraná		136,33	222,58	-38,75	103,35	31,91
São Paulo		154,14	232,42	-33,68	121,05	27,34
Minas Gerais		217,44	267,38	-18,68	125,68	73,01
Goiás		253,91	278,32	-8,77	96,89	162,06
Santa Catarina	Feijão-preto	121,90	140,35	-13,15	117,00	4,19
Paraná		117,91	130,53	-9,67	116,35	1,34
Rio Grande do Sul		161,92	172,14	-5,94	127,81	26,69

Nota: Feijão-preto SC – praça ref. Canoinhas, feijão-carioca SC – praça ref. Joaçaba (Maio/2019).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Dera (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

No mercado atacadista de São Paulo, a Bolsa de Cereais (BCSP) registrou alta nos preços do feijão-carioca, aspecto que reforça as expectativas de que os preços pagos aos produtores poderão ter uma melhora no curto prazo. No último dia 05/06 a saca de 60kg do feijão-carioca, nota 9,0, foi comercializada a R\$ 170,00, enquanto no dia 07/05 estava a R\$ 152,50, variação positiva de cerca de 11%. Ainda na BCSP, no mesmo período a cotação da saca do feijão-preto extra foi de R\$ 150,00 em junho, contra R\$ 167,50 em maio, baixa de aproximadamente 10%.

Tabela 4. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo				
Produto⁽¹⁾	05/06/2019	07/05/2019	Varição (%)	Mercado²
Feijão-carioca Extra (9,0)	170,00	152,50	11,48	firme
Feijão-carioca Especial (8,5)	157,50	140,00	12,50	firme
Feijão-carioca Comercial (8,0)	135,00	130,00	3,85	firme
Feijão-preto Extra	150,00	167,50	-10,45	nominal
Feijão-preto Especial	142,50	152,50	-6,56	nominal

Nota 1: firme - quando existe procura acentuada do produto.

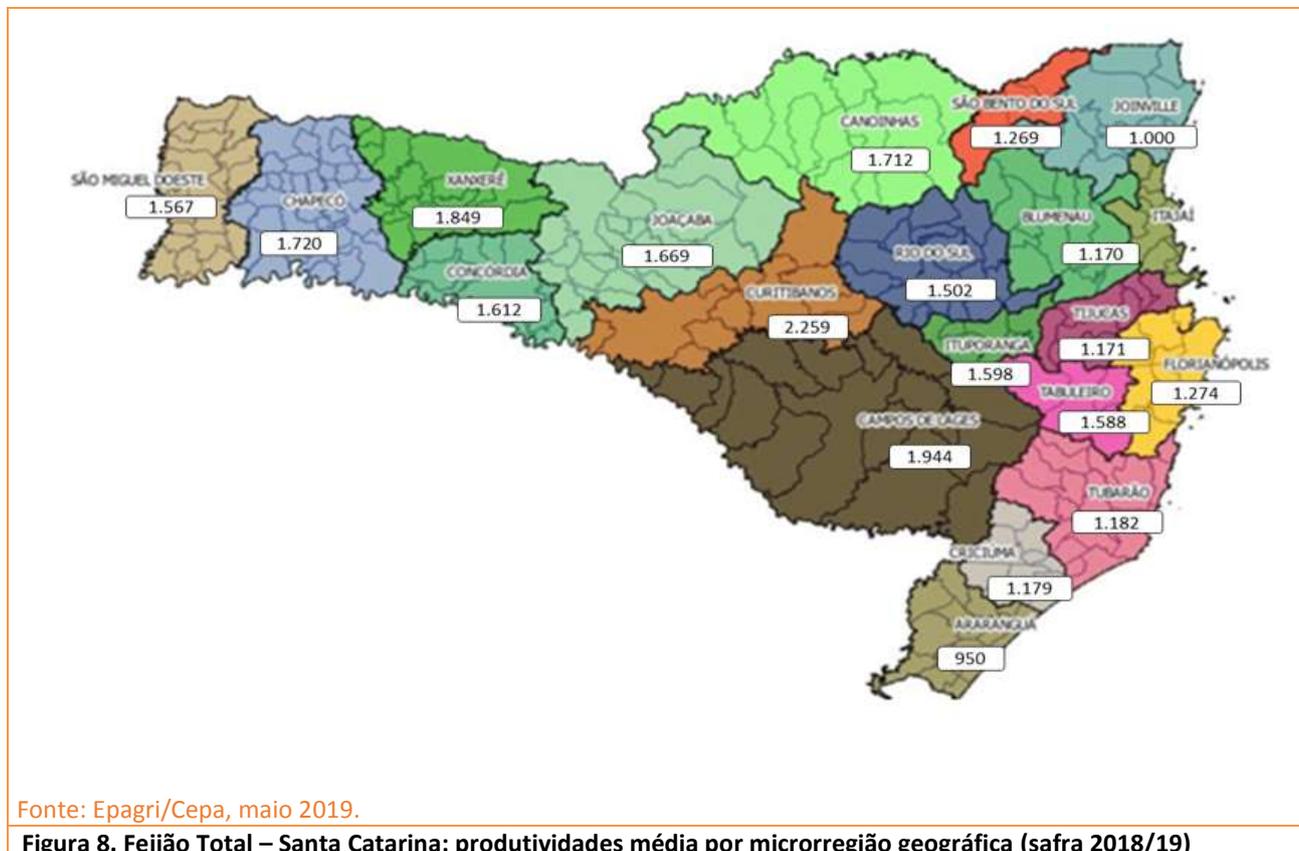
Nota 2: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ comportamento do mercado em 05/06/2019.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Com a segunda safra de feijão praticamente encerrada no estado foi estimada a produtividade média da safra 2018/19 de feijão total (soma da 1ª e 2ª safras) para as diferentes microrregiões geográficas (MRG). As MRG que mais se destacaram são: Curitibanos, da qual faz parte a região de Campos Novos; Campos de Lages; Chapecó; Canoinhas e, Xanxerê. Essas regiões também são as que mais contribuem para a produção estadual (77,3%) e as que possuem maior área cultivada (72,4%).



Fonte: Epagri/Cepa, maio 2019.

Figura 8. Feijão Total – Santa Catarina: produtividades média por microrregião geográfica (safras 2018/19)

Nos meses de junho e julho as ofertas de feijão deverão ser menores no país. Problemas climáticos no Sul prejudicaram a 2ª safra. Este fator é importante para acreditar que teremos bons preços pagos aos produtores nesse período. A partir de agosto, haverá maior concentração de venda a partir do início da colheita da 3ª safra de feijão nos estados de Minas Gerais e Goiás. São lavouras cultivadas sob sistema de irrigação, com expectativa de produtividades elevadas para essa safra, girando em torno de 50 a 55 sacas/ha. Com isso, os volumes de feijão no mercado devem aumentar significativamente, o que pode interferir negativamente nos preços pagos aos produtores. A recomendação continua sendo: quem tiver produto estocado deve vender.

Em relação à safra catarinense de feijão, neste mês de junho atualizamos nossas estimativas, a partir dos dados colhidos a campo até a última semana de maio. Para a primeira safra de feijão ocorreram variações muito pequenas. Ajustes foram feitos em alguns municípios em função dos resultados ruins obtidos na comercialização da produção. Com isso, dados de rendimento médio e produção sofreram alterações para baixo.

No próximo mês, serão finalizadas as safras de verão. Até o momento, para o feijão 1ª safra é estimada queda na produção na ordem de 30%, ocasionada, sobretudo, por uma significativa redução de 26% na área plantada. Quanto ao rendimento médio, como nesta safra o clima não foi favorável, os dados apontam para uma redução de 6%.

Tabela 5. Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa atual Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	164	164	1.053	97	114	1.170	-41	-31	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	7.810	15.173	1.943	-17	-21	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.550	9.299	1.675	-8	-13	-6
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.171	3.727	1.717	-21	-32	-15
Concórdia	624	1.099	1.760	430	687	1.598	-31	-37	-9
Criciúma	543	630	1.161	533	628	1.178	-2	0	1
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.380	10.884	2.023	-41	-45	-8
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.741	1.777	-11	-21	-11
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	3.191	1.320	-36	-55	-30
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	698	1.262	1.646	602	967	1.606	-14	-23	-2
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	966	1.421	36	21	-11
São M. do Oeste	1.482	2.754	1.746	1.199	2.303	1.921	-19	-16	10
Tabuleiro	485	544	1.122	463	812	1.754	-5	49	56
Tijucas	184	213	1.158	170	199	1.171	-8	-7	1
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.305	1.342	-6	-3	3
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	5.668	10.765	1.899	-40	-35	7
Santa Catarina	47.463	90.425	1.903	35.250	62.895	1.784	-26	-30	-6

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (maio/2019).

Mesmo com todos os problemas de ordem climática ocorridos, a estimativa atual para esta segunda safra de feijão é de que haverá um aumento na área plantada de aproximadamente 19%; aumento na produção de 25% e crescimento de cerca de 5% no rendimento médio. Essas altas podem ser atribuídas aos bons preços praticados para o feijão-carioca em Santa Catarina nos meses de dezembro/2018 (R\$ 239,63) e janeiro/2019 (R\$ 235,36), que animaram os produtores a apostar no aumento da área plantada para a segunda safra. Os pontos negativos foram o clima, que prejudicou a cultura na fase de colheita, e o comportamento do mercado, que não sustentou a tendência de alta nos meses seguintes.

Tabela 6. Feijão 2ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa atual Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	530	482	910	621	587	946	17	22	4
Canoinhas	2.910	3.699	1.271	3.110	3.165	1.018	7	-14	-20
Chapecó	2.566	3.906	1.522	3.025	5.211	1.723	18	33	13
Concórdia	99	170	1.717	85	153	1.800	-14	-10	5
Criciúma	2.581	3.048	1.181	2.421	2.855	1.179	-6	-6	0
Ituporanga	1.500	1.983	1.322	1.620	2.414	1.490	8	22	13
Rio do Sul	623	800	1.284	658	926	1.407	6	16	10
São Bento do Sul	160	150	940	200	150	752	25	0	-20
São M. do Oeste	2.065	3.277	1.587	1.825	2.585	1.416	-12	-21	-11
Tubarão	1.289	1.323	1.026	1.185	1.245	1.051	-8	-6	2
Xanxerê	8.725	15.100	1.731	12.715	23.241	1.828	46	54	6
Santa Catarina	23.048	33.938	1.472	27.465	42.533	1.549	19	25	5

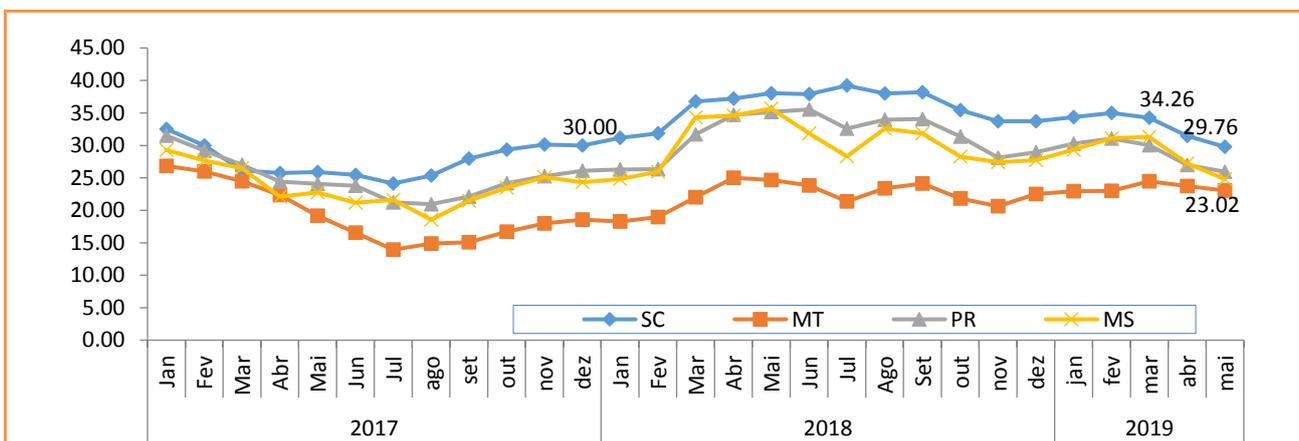
Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (maio/2019).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, os preços pagos ao produtor nos últimos três meses apresentaram movimento de baixa, recuando 13%. Na média mensal, em maio o preço foi de R\$ 29,76/sc de 60 Kg (Figura 9) sendo a menor registrada desde dezembro de 2017. Em 16/05/2019, na praça de Chapecó, o preço atingiu R\$ 28,50/sc, o mínimo do ano até agora. No entanto, a partir da segunda quinzena de maio houve uma reversão na tendência dos preços, visto que o mercado esperava um recuo até maior dos preços internos, em função da boa safra no Brasil, que pode alcançar um total superior a 95 milhões de toneladas¹. Com isto, os preços retornaram a um patamar acima de R\$ 30,00/sc a partir de 23 de maio, estabilizando em R\$ 32,00 no final do mês de maio e início de junho. Esta mudança de cenário se deu em função da prevalência de alguns fatores que evitaram maiores perdas nos preços do cereal em maio, como:

- Problemas climáticos na implantação da safra de milho nos Estados Unidos estão provocando instabilidades nos preços no mercado internacional (CBOT);
- Aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que, no acumulado até maio, chegaram próximas de 8 milhões de toneladas, enquanto no mesmo período em 2018 foi de pouco mais de 5 milhões², sinal que os volumes poderão superar os 30 milhões de toneladas no ano, diminuindo os estoques internos, e
- A demanda interna por milho deverá se elevar em função do maior volume das exportações de carnes, em especial para China;
- O indicativo, pelos fatores atuais apresentados, mesmo com a boa safra brasileira 2018/19, em especial na segunda safra é de fortalecimento dos preços.

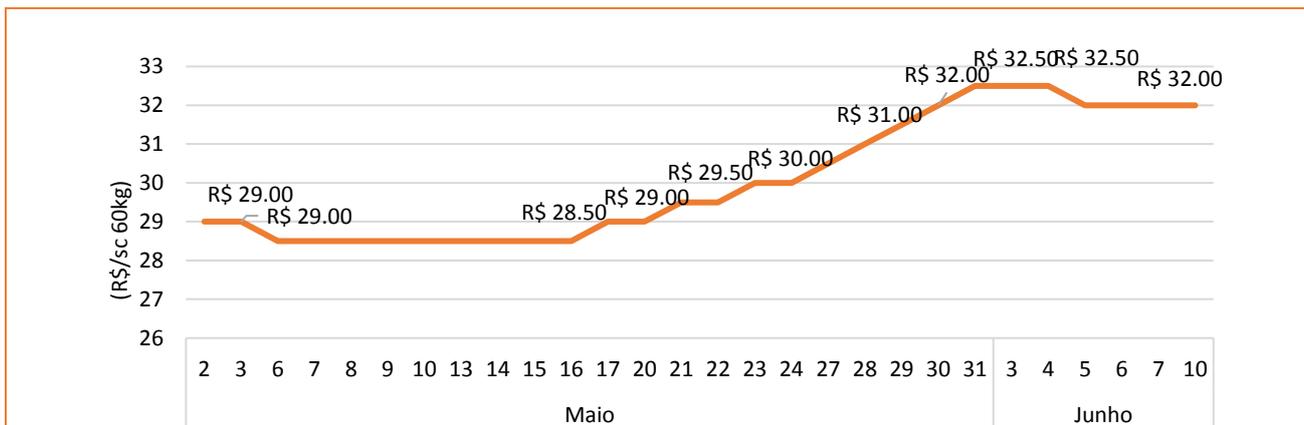


Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink.

Figura 9. Milho – SC, PR MT e MS: preço médio mensal ao produtor de 2016 a abril/2019 – (R\$/sc de 60Kg) (atualizados IGP-DI)

¹ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.8 - Oitavo levantamento, maio 2019.

² MDIC – Comexstat: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 10. Milho – Preço diário ao produtor (R\$/sc de 60Kg), maio/junho/2019, praça referência Chapecó

Os preços cotados – BM&FBOVESPA – B3

Da mesma forma que os preços ao produtor, os valores na B3 tiveram uma forte oscilação nos últimos 30 dias, com movimento de alta, de R\$32,00/sc de 60kg em 13 de maio até R\$ 39,00 e em torno de R\$ 37,00 no dia 10 de junho. As variações maiores na Bolsa em relação ao preço ao produtor se dão em virtude das posições dos contratos futuros, datas de fechamento e abertura. Este ano, os preços do milho tiveram uma maior relação com preços internacionais, uma vez que o Brasil é o segundo maior exportador mundial do cereal, posição consolidada nos últimos anos.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 11. Milho – Preço diário (R\$/sc de 60Kg) maio/junho/2019, Indicador de Preços do Milho Esalq/B3 - BM&FBOVESPA

Custo de produção

O declínio dos preços desde início do ano deixa os produtores em alerta, pois o custo operacional para

produção na safra 2019/20 (levantamento de preços de abril/2019) está entre R\$ 24,90/sc e R\$ 28,15/sc de 60 Kg, para nível tecnológico de média e alta tecnologia, respectivamente (Epagri/Cepa). Os itens que mais contribuíram para a elevação dos custos foram fertilizantes, com aumento em torno de 17% (valores médios corrigidos pelo IGP-DI de 2018 a 2019, mês de referência abril). Os atuais níveis de preços, no período que antecede a próxima safra, poderão desestimular o cultivo do cereal. No entanto, é necessário sempre verificar o cenário de demanda interna do cereal para o Estado. A questão técnica da rotação de culturas entre soja x milho, manejo que beneficia o solo e afeta diretamente o rendimento das lavouras e aspectos econômicos da propriedade é outro fator a ser considerado.

Acompanhamento – Safra 2018/19

A estimativa da safra em curso confirma a recuperação em 7,5% na área cultivada de milho 1ª e 2ª safras em relação à safra 2017/18. Com isso, a área cultivada alcança 346.981ha (1ª e 2ª safras). O atual relatório reporta uma elevação da produtividade na primeira safra, com a colheita 2018/19 finalizando. Estão sendo registradas produtividades superiores a 10.000 kg/ha nas regiões de Curitiba/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz, elevando a média da produtividade do estado para 8.389kg/ha. A expectativa é de que a produção do estado fique em 2,91 milhões de toneladas nas duas safras.

Tabela 7. Milho – Santa Catarina – 1ª e 2ª safras: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa maio 2019)

Milho total	Safra 2017/18			2018/19 (estimativa maio/2019)			Variação %		
	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Santa Catarina	322.750	2.572.076	7.969	346.981	2.910.677	8.389	7,51	13,16	5,26
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	529.791	9.226	16,88	29,98	11,21
Chapecó	51.117	416.346	8.145	51.771	434.702	8.397	1,28	4,41	3,09
São Miguel do Oeste	39.830	299.740	7.525	38.933	295.534	7.591	-2,25	-1,40	0,87
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.300	258.140	7.992	-2,36	3,75	6,25
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	254.032	8.670	1,74	-8,35	-9,92
Concórdia	23.359	169.839	7.271	24.350	179.661	7.378	4,24	5,78	1,48
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.335	258.392	10.618	40,18	63,67	16,76
Xanxerê	19.930	197.178	9.894	23.790	259.252	10.898	19,37	31,48	10,15
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	141.089	6.997	8,85	12,29	3,16
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.730	87.246	7.438	29,30	39,72	8,06
Araranguá	8.644	58.077	6.719	8.450	57.051	6.752	-2,24	-1,77	0,49
Criciúma	7.534	50.542	6.709	7.464	50.637	6.784	-0,93	0,19	1,13
Tubarão	6.089	36.924	6.064	5.858	36.259	6.190	-3,79	-1,80	2,07
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.100	32.650	7.963	-6,82	-8,33	-1,62
Tabuleiro	2.725	15.738	5.775	2.975	16.972	5.705	9,17	7,84	-1,22
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.396	4.485	-1,42	13,86	15,50
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.100	5.245	261,46	412,96	41,92
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,10	-13,21	1,04
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	434	4.667	-74,09	-74,91	-3,16
Itajaí	27	118	4.370						

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama no Estado

A colheita da safra 2018/19 se aproxima do final, com 94% da área cultivada concluída até 10 de junho. As regiões que ainda estão para finalizar a colheita são as do Planalto (Campos de Lages e Curitibanos). As condições climáticas, com chuvas nas últimas semanas de maio, atrasaram os serviços de colheita, gerando algumas perdas localizadas na reta final da colheita, mas sem reflexo significativo no montante do estado.

Relato das condições em Joaçaba-Campos Novos: “Depois de um longo período de chuvas (maio), os trabalhos de colheita foram retomados. O tempo segue firme, ensolarado em toda a região, o que permite estimar que essa semana (início de junho) deveremos praticamente finalizar a colheita desta safra. No geral, uma safra ótima, de excelente produtividade e qualidade. Alguns problemas pontuais decorrentes do excesso de chuva foram registrados, mas nada significativo”.

Panorama Nacional:

Milho primeira safra: redução de 2% na área cultivada, especialmente em Minas Gerais e no Piauí. Produção estimada em 26,3 milhões de toneladas, com destaque para a Região Sul, com mais de 45% deste total.

Milho segunda safra: acréscimo de 6,9% na área cultivada e de 31,1% na produção em comparação com a safra 2017/18, impulsionado principalmente pelos incrementos esperados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

A produção total de milho³ deverá atingir 97 milhões toneladas, representando um aumento de 20,2% em relação à safra passada, comprometida por problemas climáticos na segunda safra.

Panorama Mundial:

Em seu relatório de 11 de junho 2019, o USDA⁴ () registrou uma previsão de forte redução na produção do cereal nos USA, de 381,78 milhões de toneladas em maio para 347,49 milhões de toneladas. Esta retração de 8,9% é decorrente da série de dificuldades de plantio, devido ao alto volume de chuvas no período. Este cenário projeta uma redução dos estoques finais (safra 2019/20) de 314,7 para 290,5 milhões de toneladas. Isto equivale a 24,2 milhões de toneladas, volume próximo do total produzido na primeira safra no Brasil (26,3 milhões de toneladas), o que projeta estoques mundiais menores em 2020.

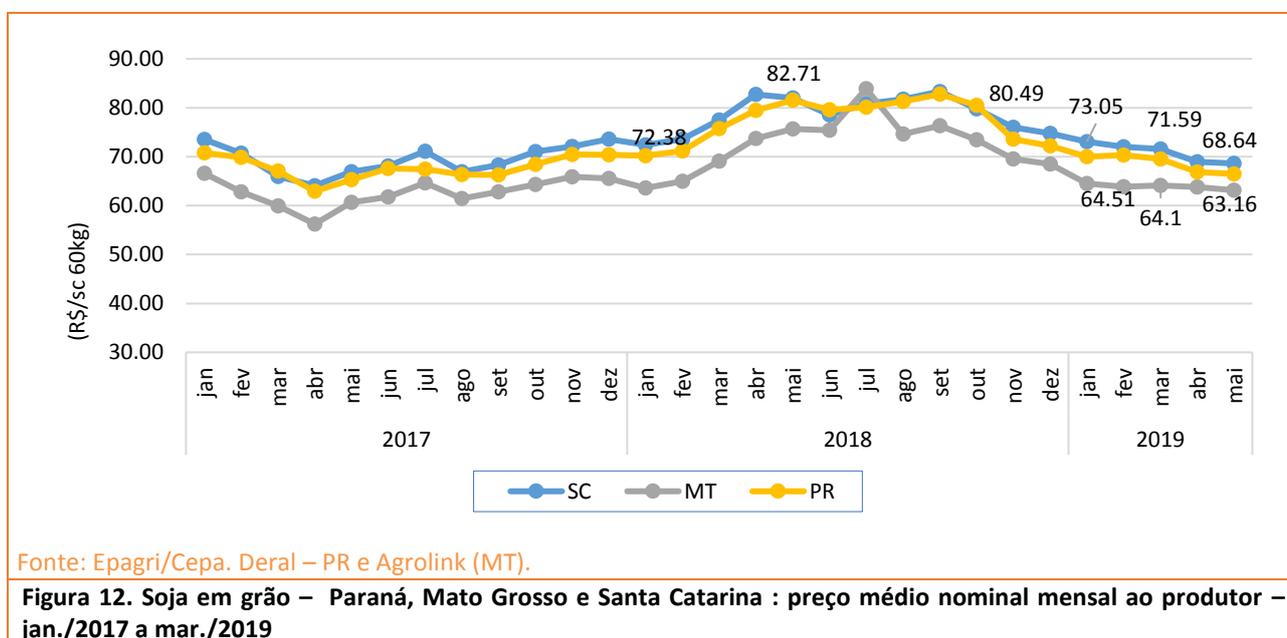
³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.9 - Nono levantamento, junho 2019.

⁴ <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

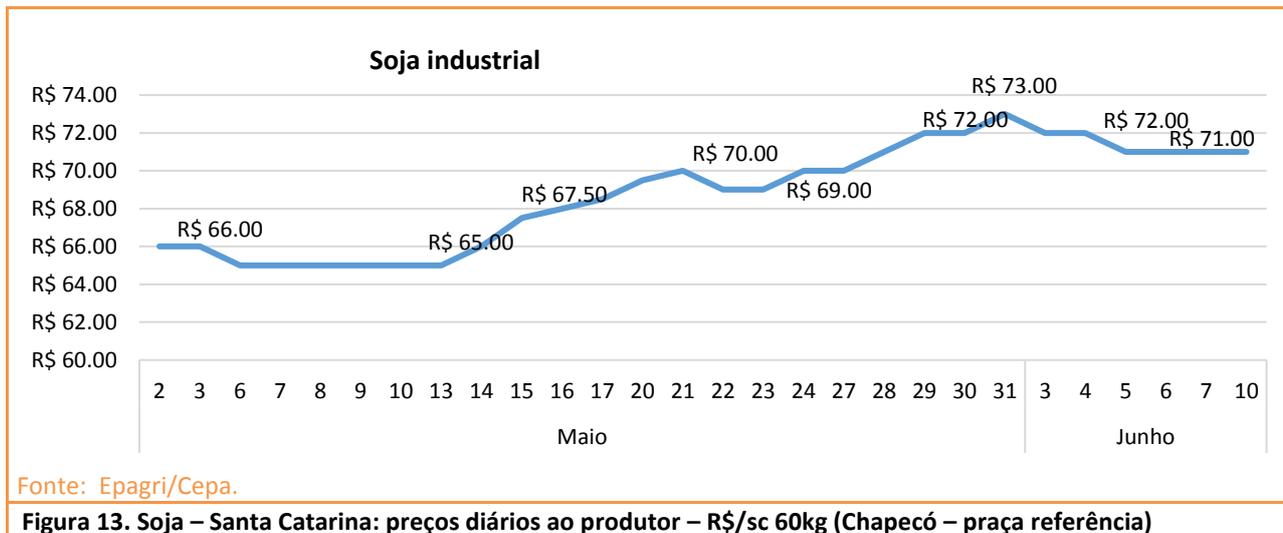
Os preços ao produtor registraram queda pelo oitavo mês consecutivo. Em relação ao mês anterior, apresentou retração de - 0,49% e frente ao mesmo mês da safra passada registrou retração de -16,30%. No Paraná, o comportamento foi semelhante. No Mato Grosso, os preços permaneceram relativamente estáveis nos últimos quatro meses, mas com recuo nos últimos dois meses. Os fatores que influenciaram nos preços em abril e maio foram: maior oferta do produto no mercado interno, uma vez que a colheita está finalizada em grande parte dos estados produtores e compras chinesas em decréscimo e variação cambial. A redução nas exportações de soja em abril e maio já sinalizavam neste sentido.



Fonte: Epagri/Cepa. Deral – PR e Agrolink (MT).

Figura 12. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina : preço médio nominal mensal ao produtor – jan./2017 a mar./2019

No entanto, apesar do decréscimo nos preços ao produtor (média mensal de maio) ter apresentado uma pequena queda em relação ao mês anterior, o comportamento diário dos preços oscilou fortemente nos últimos 40 dias (maio/junho). Os preços registrados iniciaram os primeiros dias de maio em R\$ 66,00/sc, recuando para R\$ 65,00 e alcançando, no final de maio, R\$ 73,00/sc , alta de 12,3% no mês. O início de junho inicia com preços superiores a R\$ 70,00/sc, refletindo diretamente o comportamento do mercado internacional (CBOT). O principal fator neste período foi o clima nos EUA, que fez com que a semeadura da atual safra americana seja considerada a mais atrasada dos últimos 20 anos, que poderá repercutir no rendimento das lavouras. Além disto, já são contabilizados custos maiores na implantação das lavouras, em função da umidade e trabalhos intermitentes e replantios.



Acompanhamento da safra 2018/19

Em Santa Catarina, a área cultivada apresentou recuo de 2,2%, com 669 mil hectares cultivados e produção estimada em 2,39 milhões de toneladas. Um pequeno recuo em função da menor área cultivada e expectativa de rendimento 0,8% inferior à safra passada. Em relação às estimativas anteriores está sendo corrigido o rendimento, em função de problemas climáticos já reportados nos boletins passados e das perdas na fase final da colheita no Planalto. As intensas chuvas no fim de maio prejudicaram a colheita, afetando a quantidade e qualidade do produto, uma vez que a umidade não permitiu a colheita na época ideal. As produtividades estimadas nas regiões de Chapecó e Xanxerê apresentaram queda na atual safra frente a anterior, em função das condições climáticas adversas em dezembro e do registro de áreas de cultivo de soja 2ª safra nas últimas estimativas, que apresentam rendimento inferior em relação à primeira safra. Estima-se que na Região Oeste e Extremo Oeste, em especial no Vale do Rio Uruguai, existam mais de 30 mil hectares de cultivo de soja segunda safra, em sucessão ao milho grão e silagem.

Safra 2019/20

No momento, os produtores estão definindo a compra de insumos para a próxima safra. Com os custos em alta, a dúvida está em quanto o produtor estará propenso a investir na próxima safra. A área cultivada poderá ter acréscimo em comparação ao milho. No entanto, é necessário ponderar entre a liquidez da soja no mercado internacional e a forte demanda interna de milho para o Estado. Neste vai e vem das commodities, o interessante é não apostar tudo somente em uma delas.

Tabela 8. Soja – Santa Catarina: área, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa mar./2019)

Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa - maio			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Santa Catarina	684.045	2.458.989	3.595	669.310	2.387.745	3.567	-2,2	-2,9	-0,8
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	148.880	516.562	3.470	0,6	-5,3	-5,9
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	109.630	447.142	4.079	-3,0	2,0	5,1
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	429.350	3.408	-2,9	-4,7	-1,9
Chapecó	92.941	300.866	3.237	92.000	288.395	3.135	-1,0	-4,1	-3,2
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	240.384	3.931	-9,6	-6,1	3,9
Campos de Lages	62.230	222.758	3.580	59.440	215.053	3.618	-4,5	-3,5	1,1
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.277	137.847	3.340	0,0	0,0	0,0
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	10.200	32.960	3.231	-11,3	-11,0	0,4
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	29.724	4.117	-12,4	-12,9	-0,6
Concórdia	5.330	19.855	3.725	6.575	23.806	3.621	23,3	19,9	-2,8
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	5.000	19.546	3.909	24,5	24,3	-0,2
Criciúma				1.938	6.977	3.600			

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama Estadual

A estimativa de colheita alcança 98,7% da área cultivada no estado (até 10 de junho). Deve finalizar até final de junho, quando encerra a colheita principal, bem como áreas de soja da segunda safra, área ainda não contabilizada em separado pela Epagri/Cepa.

A atual safra apresentou alguns problemas climáticos, especialmente a estiagem nos primeiros 15 dias de dezembro e altas temperaturas em janeiro/fevereiro. A colheita está sendo finalizada com atraso de no mínimo 30 dias. As áreas colhidas durante este período chuvoso (em especial no Planalto, regiões Campos de Lages e Curitibanos) foram severamente prejudicadas pelo tempo durante todo o ciclo e não só no período da colheita. Nestas áreas foi sensível a perda de rendimento das lavouras. Com isso a média final de rendimento da cultura deverá ficar abaixo do inicialmente esperado.

Panorama Nacional.

Crescimento de 1,9% na área de plantio e redução de 3,7% na produção, atingindo 114,8 milhões de toneladas. As regiões Centro-Oeste e Sul representam mais de 78% desta produção (CONAB - ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.9 - Nono levantamento, junho 2019. 11/06/2019).

Panorama Mundial

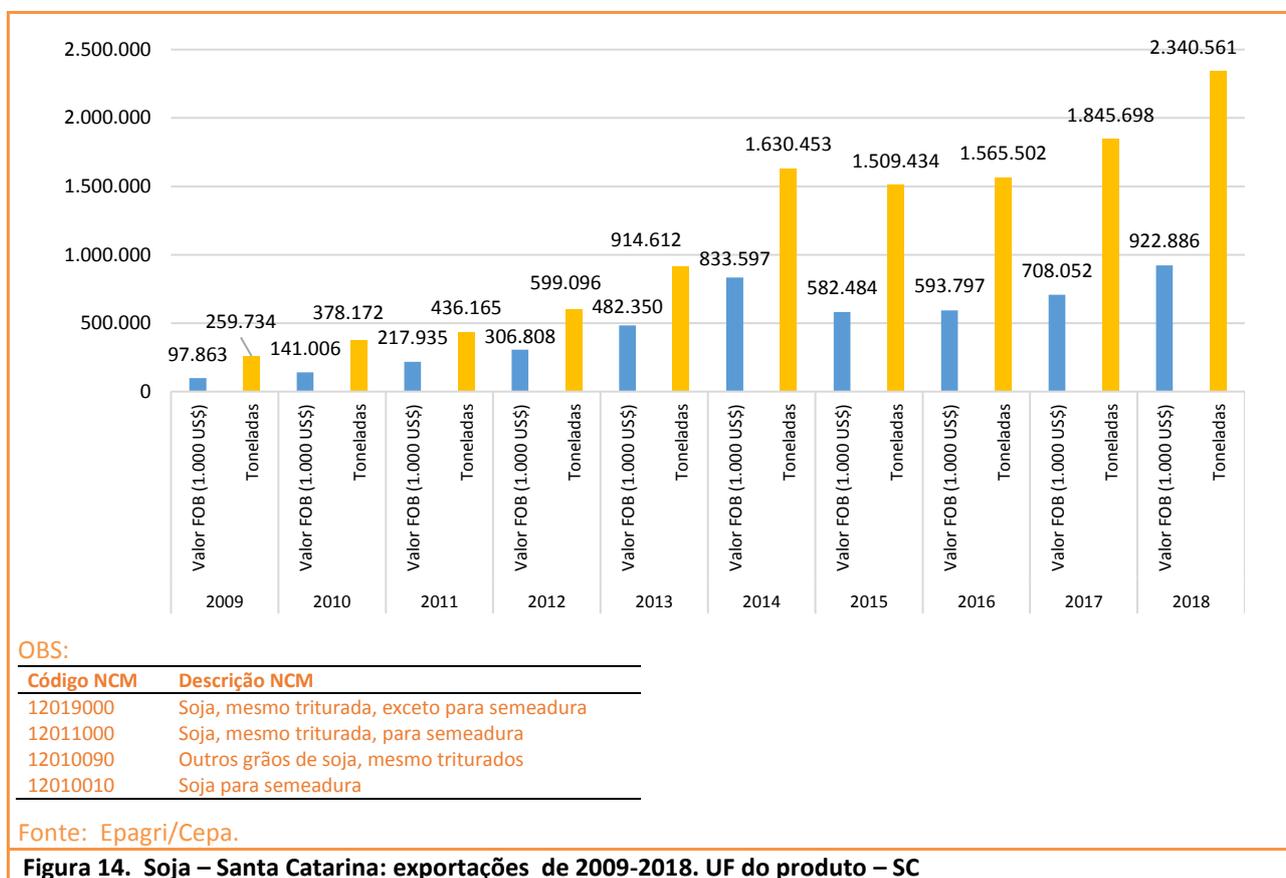
No relatório do USDA divulgado no World Agricultural Supply and Demand Estimates (WASDE-584), 11 de junho de 2019⁵ as mudanças foram pequenas. Para a safra 2019/20 foi mantida a produção de 112,95 milhões de toneladas nos USA e 123 milhões de toneladas para o Brasil. Quanto aos estoques finais, para a

⁵ <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>

safras 2019/20 projetam aumento para 113,09 milhões de toneladas, demonstrando um estoque relativamente alto, em função da demanda em queda pela China.

Exportações soja – Evolução 10 anos

As exportações de soja, em especial de grãos, apresentaram uma grande evolução nos últimos 10 anos. Conforme descrição do MDIC-ComexStat⁶, por origem do produto, em 2009 Santa Catarina exportou 259.734 toneladas. Ao longo de 10 anos apresentou um forte crescimento, registrando 2,34 milhões de toneladas em 2018, com incremento superior a 900%. A evolução da área cultivada no Estado sustenta as exportações. Conforme dados do INFOAGRO-Epagri-Cepa/2019⁷, a área de cultivo da safra 2012/13 a 2017/18 incorporou mais de 150 mil hectares ao processo produtivo, passando a ser cultivados 684 mil hectares na última safra. Em termos de faturamento, a projeção é semelhante: evoluiu de US\$ 97.863 (milhões) (valor FOB) em 2009 para US\$ 922.886 (milhões), um crescimento de nove vezes.



⁶ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

⁷ <http://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal>

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, menos de 1% da área reservada para o cultivo de trigo para a safra 2019/20 foi semeada. Os cultivos devem se intensificar a partir da segunda quinzena de junho. Os produtores de trigo tradicionalmente iniciam as operações de plantio nas regiões mais frias do estado após a ocorrência das primeiras geadas da estação. Nos demais estados do Sul do país, seguem firmes as operações de plantio da safra 2019/20 de trigo.

No estado do Paraná, segundo dados do Deral (Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná) do dia 03 de junho, cerca de 68% do total estimado de área para esta safra já foi plantada, com 95% encontrando-se em boa condição e apenas 5% em média condição. No que se refere ao desenvolvimento das lavouras, 90% está em fase de desenvolvimento vegetativo e 10% em fase de germinação. No Rio Grande do Sul, segundo a Emater/RS, até o dia 06 de junho cerca de 15% da área destinada ao plantio de trigo para essa safra já havia sido semeada. A alta umidade do solo e a baixa luminosidade está dificultando o desenvolvimento normal das plantas.

Em relação ao comportamento do mercado, esse segue em ritmo muito lento, praticamente paralisado. A queda acentuada no consumo, sobretudo de massas e biscoitos, reduziu significativamente o volume de trigo moído pelas indústrias. Num cenário de baixa liquidez e com indústrias bem abastecidas, poucas negociações de compra e venda ocorrem, o que pressiona os preços pagos aos produtores para baixo. A média de maio do trigo pão, PH 78, foi de R\$ 41,66/sc de 60 quilos em Santa Catarina, desvalorização de 0,95% no mês. No mercado gaúcho a queda foi um pouco maior, na ordem de 1,56%, e no Paraná, queda de 1,55%.

Tabela 9. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

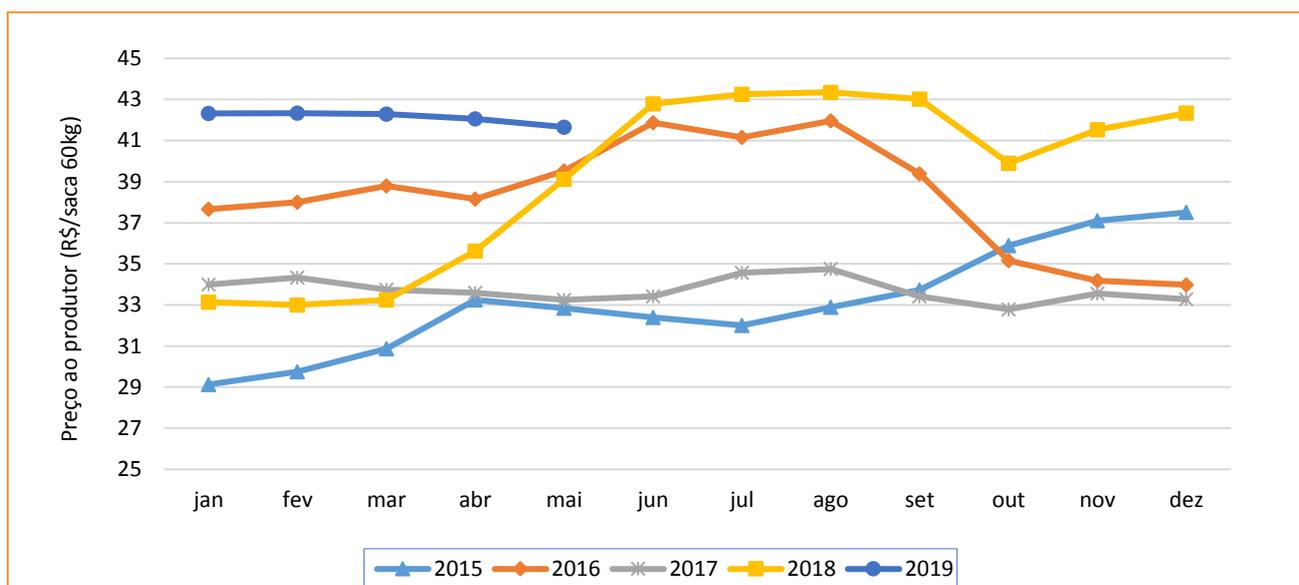
Estado	Maio/2019	Abril/2019	Varição mensal (%)	Maio/2018	Varição anual (%)
Santa Catarina	41,66	42,06	-0,95	39,12	6,49
Paraná	45,78	46,50	-1,55	42,39	8,00
Rio Grande do Sul	41,02	41,67	-1,56	38,36	6,93
São Paulo	51,44	52,75	-2,48	55,94	-8,04

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Maio, 2019.

Segundo a Conab, as estimativas de junho/2019 apontam que a área plantada com o cereal no país será cerca de 3,4% menor que na safra passada: 1,97 contra 2,04 milhões de hectares plantados na safra 2018/19. A produtividade deverá crescer cerca de 4,4%, o que leva os técnicos da Conab a prever que a produção aumentará em torno de 1%, passando de 5,427 para 5,474 milhões de toneladas. Com isso, a companhia realizou ajustes no Quadro de Oferta e Demanda do Trigo quanto ao volume importado do grão, que deverá ser de 7 milhões de toneladas.

Na comparação com os últimos quatro anos, para os cinco primeiros meses deste ano as cotações da saca de trigo se mantiveram em patamares bem mais elevados. Em relação à safra passada, no mês de maio o produtor recebeu em média R\$ 41,66/saca de 60kg. Em termos nominais, é um valor 6,5% superior ao praticado em maio de 2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 15. Trigo – Santa Catarina: sazonalidade do preço médio recebido pelo produtor (janeiro/2015-maio/2019)

Na tabela 10 é apresentada a estimativa inicial para a safra 2019/20 de trigo grão em Santa Catarina. Seguindo a tendência nacional de redução na área plantada, deverá ocorrer uma nova redução na área plantada no estado, muito em decorrência dos elevados custos de produção, que estão causando preocupações e dúvidas nos produtores na hora de decidir o que plantar. Essa redução na área está estimada em cerca de 8%. Como para o rendimento médio não estão previstas grandes modificações, a redução na produção também sofrerá queda, podendo chegar igualmente a 8%.

Tabela 10. Trigo Grão – Comparativo safra 2018/19 e Estimativa atual safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa inicial – Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	330	703	2.130	434	895	2.062	32	27	-3
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	10.050	32.630	3.247	-7	-2	6
Chapecó	12.527	33.314	2.659	12.306	31.892	2.592	-2	-4	-3
Concórdia	1.330	3.942	2.964	605	1.577	2.606	-55	-60	-12
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.501	31.290	4.171	0	12	12
Ituporanga	765	1.938	2.533	570	1.493	2.619	-25	-23	3
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.664	13.094	3.574	17	41	21
Rio do Sul	190	492	2.589	210	540	2.571	11	10	-1
São Bento do Sul	250	659	2.636	230	690	3.000	-8	5	14
São Miguel do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.875	11.021	2.844	31	19	-9
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	10.361	25.060	2.419	-27	-40	-18
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	49.807	150.181	3.015	-8	-8	0

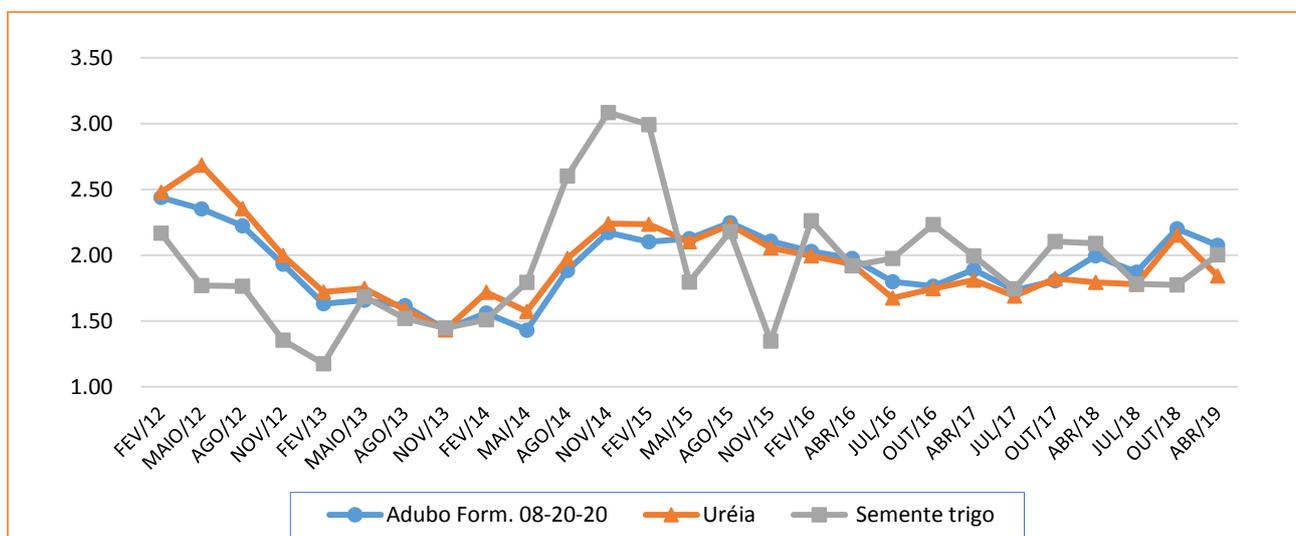
Fonte: Epagri/Cepa, maio/2019.

Em maio também divulgamos a atualizarmos dos preços de insumos, serviços e demais fatores de produção que foram apurados no mês de abril através do Sistema de Levantamento e Monitoramento de Preços da

Epagri/Cepa. Como pode ser observado, entre abril de 2018 e abril de 2019, para dois importantes insumos utilizados na cultura do trigo, ocorreram variações positivas nos preços.

Em abril de 2018, para adquirir uma saca de 50kg de uréia o produtor gastou o equivalente a 1,79 scs de 60kg de trigo. Já em abril de 2019, o produtor precisou desembolsar um valor equivalente a 1,84 scs de trigo para comprar a mesma quantidade de uréia. Em termos nominais, ocorreu aumento de cerca de 3%. Para o adubo formulado, o comportamento foi semelhante. Em abril de 2018, uma saca de 50 kg do adubo formulado custava o equivalente a 2,00 scs de 60 kg de trigo e em abril de 2019 essa mesmo volume custou 2,08 sacas de 60 kg de trigo grão, aumento de 4%.

Com relação a sementes de trigo, em abril de 2018 eram necessárias 2,09 sacas de 60kg de trigo grão para adquirir 40 kg de sementes. Já em abril de 2019, pela mesma quantidade de sementes o produtor precisou desembolsar valor equivalente a 2,0 sacas de 60kg de trigo grão, redução de aproximadamente 4,3%.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 16. Trigo – Santa Catarina: poder de compra de itens selecionados (fev./2012 - maio/2019)

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Cadeia produtiva do alho se movimenta para manter tarifa antidumping sobre o produto chinês

É intensa a movimentação da cadeia produtiva do alho catarinense e brasileira com o objetivo de criar as condições políticas para viabilizar a manutenção da tarifa antidumping em relação ao alho chinês. Maior produtor da hortaliça, com 80% da produção mundial e uma política agressiva no mercado, o país asiático determina o jogo no mercado internacional do produto.

Desde 1996 o governo brasileiro instituiu a tarifa antidumping, pois conseguiu provar que o alho chinês era vendido com preço abaixo do custo de produção. Esta tarifa, que está fixada em US\$ 0,78/kg, é renovada a cada cinco anos. A resolução que impôs a taxa tem validade até outubro deste ano. Por isso, o setor se movimenta em meio a uma conjuntura desafiadora, pois o governo chinês coloca na mesa de negociação seu peso de principal comprador de commodities (soja, milho, minério) do Brasil, tornando o ambiente das negociações extremamente complexo. Segundo informação do governo federal, as análises técnicas sobre a situação devem sair no início do mês de setembro, permitindo que o governo federal possa tomar posição e posterior publicação da decisão.

A renovação da taxa antidumping é estratégica para a produção nacional e catarinense de alho. No caso catarinense, foram duas safras consecutivas de resultados ruins para os produtores. A safra 2017/18 teve produção praticamente normal, porém os preços foram, em geral, abaixo do custo de produção. Na safra 2018/19, a qualidade foi muito afetada pela estiagem no início do ciclo e pelas baixas temperaturas no período de diferenciação celular para bulbificação, proporcionando o distúrbio fisiológico conhecido como superbrotamento, que proporciona a formação de bulbos de baixo calibre. Com isso, a produção catarinense 2018/19 teve aproximadamente 60% de seu volume bulbos tipo indústria e classe 2 e 3, que têm baixo valor de mercado.

No que concerne à nova safra catarinense 2019/20, de acordo com a Epagri/Cepa, a estimativa inicial aponta para o plantio de 1.873ha, uma redução de 22,15% em relação à safra passada, cuja área foi de 2.406ha. Esta redução está diretamente associada à crise que o setor enfrenta em Santa Catarina. Em relação à produção, a estimativa é de 16.830 toneladas, redução de 5,10% em relação à safra passada.

Nos primeiros cinco meses deste ano a importação de alho pelo Brasil não está diferente do ocorrido nos últimos quatro anos (Tabela 11). Portanto, a problemática de mercado que a safra catarinense enfrentou tem relação direta com o desempenho produtivo da safra em si e com a entrada de alho no mercado interno, com preços prejudiciais à economia do setor, principalmente pelo não pagamento da tarifa antidumping, por força de liminares obtidas por alguns importadores, causando desequilíbrios no mercado pela concorrência desleal.

Por outro lado, a oferta de alho no mercado internacional continua em alta. Países como China e Espanha, com estoques importantes, continuam ofertando produto num mercado mundial que reage muito lentamente. Nesse sentido, o preço FOB do último mês mantém a tendência de recuperação iniciada em novembro de 2018. Mesmo com uma redução de 9,3% no preço FOB de março para abril, houve reação positiva de abril para maio em 10,09%, com o preço médio FOB fechando a US\$ 1,308/kg, segundo Comextat/MDIC.

A transição do fornecimento de alho importado, iniciada em abril, quando tradicionalmente a China passa a

ser o maior fornecedor ao Brasil, teve pequena redução no volume chinês, questão que deve ser alterada no mês de junho, em função da redução da oferta que deve ocorrer de parte da Argentina.

Como registrado no mês anterior, o alho argentino contribuiu para manter a lenta e gradual recuperação dos preços FOB médios do alho importado pelo Brasil desde novembro de 2018, principalmente pela qualidade do produto do país vizinho.

Com a proximidade do final da comercialização da safra argentina, é natural que o alho chinês seja o principal produto a ser adquirido pelos importadores brasileiros. Como pode ser visto no mês de abril houve redução do preço FOB médio, decorrente da maior participação do volume importado da China. Segundo dados do MDIC, o preço FOB do alho argentino para o mês de maio foi de US\$ 1,42/Kg, contra US\$ 1,14/kg do produto de origem chinesa.

Com o mercado permanecendo numa conjuntura pouco favorável aos produtores, em função da grande oferta de alho no mercado internacional, há avaliações de que as próximas safras deverão ter redução de área, especialmente na China, o que poderá influenciar na melhoria de preços para a próxima safra.

Nos primeiros cinco meses de 2019, o volume médio mensal importado alcançou 15,85 mil toneladas, contra 16,01 mil toneladas no mesmo período de 2016, 12,34 mil toneladas em 2017, e média mensal de 15,85 mil toneladas no primeiro quadrimestre de 2018.

Dessa forma, percebe-se que nos últimos anos o histórico do volume da importação do alho ao Brasil teve comportamento semelhante no primeiro quadrimestre de cada ano.

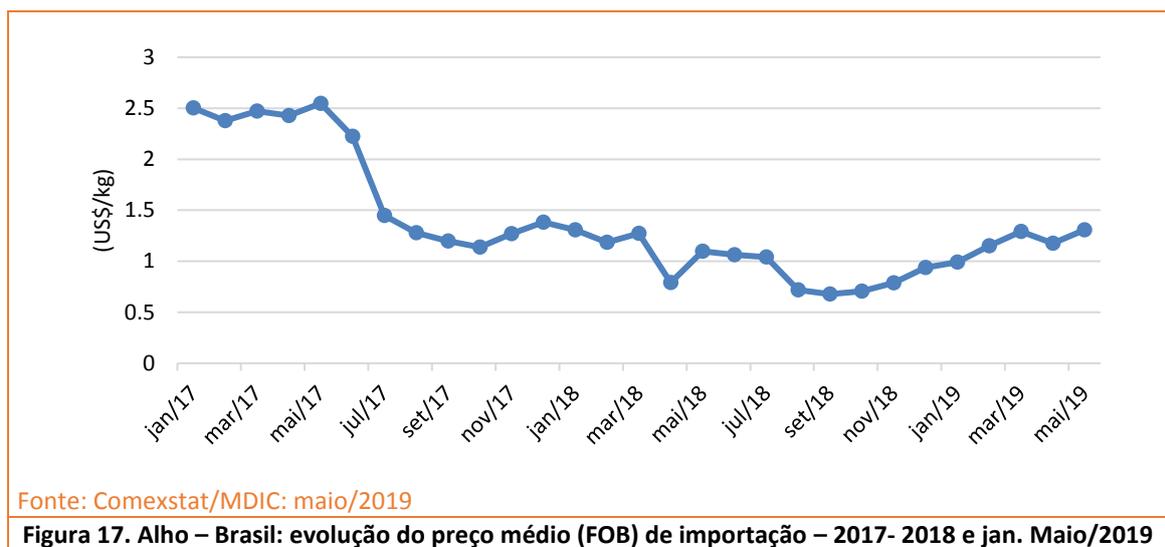
Tabela 11. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	-	-	-	-	-	-	-	79,25

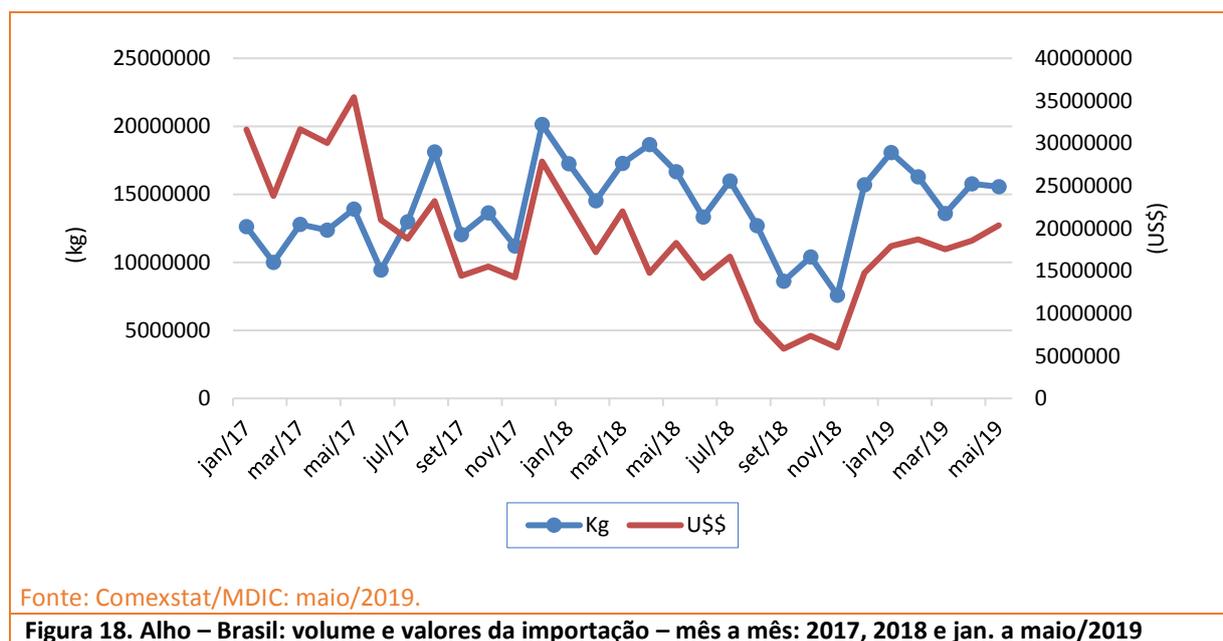
Fonte: Comexstat/MDIC: maio/2019.

Na Figura 17 é apresentada a evolução dos preços internacionais (FOB) do alho. Percebe-se que, após um período de bons preços do produto, desde julho de 2017 os preços internacionais ficaram abaixo de US\$ 1,50/kg, acirrando a concorrência nos mercados proporcionada pela grande oferta de alho. O período de maior depressão nos preços ocorreu no mês de setembro de 2018, quando o alho importado pelo Brasil teve preço médio (FOB) de US\$ 0,68/kg.

Após setembro/18 os preços tiveram recuperação gradual até o mês passado. Porém, a recuperação foi insuficiente para que os preços internacionais não afetassem a viabilidade econômica da safra catarinense, cuja colheita ocorreu no final do ano passado e início deste, com a comercialização praticamente finalizada.



Na Figura 18 é apresentado um histórico da evolução da quantidade (kg) internalizada e o desembolso mensal (US\$) nos anos de 2017 e 2018 e nos primeiros cinco meses de 2019. Neste ano, o dispêndio total já alcança US\$ 93,07 milhões, para uma entrada de 79,25 mil toneladas da hortaliça.



Na figura 19 apresenta-se a participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e de janeiro a abril de 2019.

A venda de alho ao Brasil é capitaneada pela Argentina e China, com fornecimento de acordo com a sazonalidade de suas produções, sendo o período típico de entrada do produto argentino os meses de novembro/dezembro a junho/julho e o chinês de abril/maio a novembro/dezembro. No caso do mês de maio, período de transição no fornecimento, a Argentina participou com 7,28 mil toneladas, 46,78% e a China com 6,78 mil toneladas, 43,57% enquanto outros fornecedores ficaram com 1,5 mil toneladas, 9,65% do total.

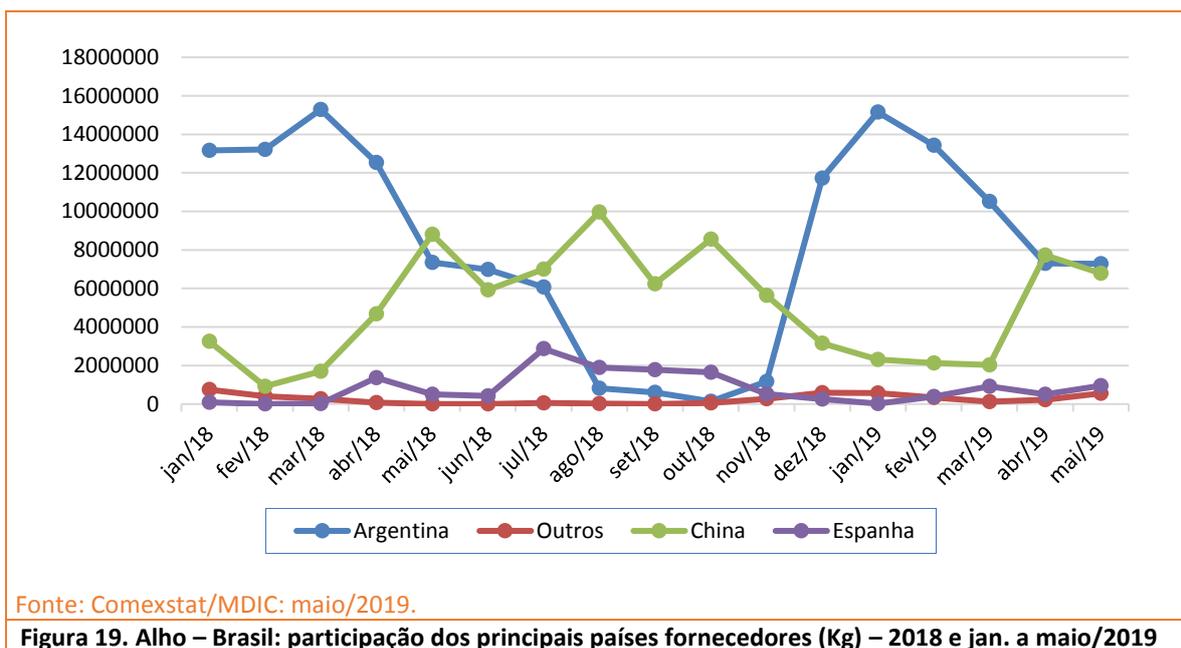


Figura 19. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (Kg) – 2018 e jan. a maio/2019

Em relação à comercialização da safra catarinense, o volume vendido pelos produtores já ultrapassa a 95% da produção. No mês de maio, de acordo com a Epagri/Cepa, os preços pagos aos produtores tiveram pequena melhora em relação ao mês de abril. O alho indústria passou de R\$ 1,50/kg para R\$ 1,90/kg, crescimento de 26,6%. As classes 2-3 passaram de R\$ 1,91/Kg para R\$ 2,28/kg, significando 33,63%. As classes 4 e 5 passaram de R\$ 5,53/Kg para R\$ 5,67/kg, significando 2,53%, enquanto o alho classes 6 e 7 passou de R\$ 7,34/kg para R\$ 7,72/kg, aumento de 5,17%.

No mercado atacadista, em maio os preços tiveram pequena movimentação positiva. Na Ceagesp, unidade da cidade de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado no final de abril a R\$ 15,95/kg e fechando o mês de maio a R\$ R\$ 16,14/kg, crescimento de 1,19%. O alho Classe 6 teve preço, no final de abril, de 17,30/kg e fechando maio a R\$ 18,08/kg, 4,50% de reajuste, e o alho classe 7 finalizou maio com preço de R\$ 20,04/kg.

No caso do alho argentino, o mês de maio fechou com preço para o produto classe 5 a R\$ 16,89/kg, melhoria de 37,54 % em relação ao final do mês de abril; o alho classe 6 a R\$ 17,91/kg, aumento de 34,86%, e o alho classe 7 fechou maio a R\$ 19,44/kg, crescimento de 36,13%.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em maio o alho nobre nacional, classes 4 e 5, finalizou o mês com preço de R\$ 10,00/kg, significando 25% de reajuste. Nas classes 6 e 7 o preço no final do mês foi de R\$ 13,00/kg, melhoria de 18,18% em relação ao mês passado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Boas perspectivas para a nova safra de cebola em Santa Catarina.

Os resultados positivos da safra 2018/19 impulsionam e motivam os produtores catarinenses a adotarem um conjunto de tecnologias apropriadas ao cultivo da hortalíça, desde o cuidado com o solo, a atenção com o manejo da cultura durante seu desenvolvimento vegetativo em relação à fitossanidade, ao ataque de pragas e ao uso técnico e racional dos insumos em geral.

Segundo a Epagri/Cepa, as estimativas iniciais para a safra catarinense 2019/20 apontam para uma área plantada de 18.522ha, contra 18.960ha da safra 2018/19, representando uma redução de 2,31%. As projeções iniciais indicam que a próxima safra pode alcançar produção acima de 500 mil toneladas, crescimento de 5,27% em relação à safra passada, com produtividade média estimada de 27,6 toneladas por ha.

No mercado nacional, o mês de maio iniciou com redução do preço ao produtor na região de Irecê (BA), segundo a revista HfBrasil/Cepea, devido à baixa qualidade do produto, ocasionada por doenças bacterianas, que influenciou e reduziu o ritmo de comercialização da produção, tanto daquela região quanto do Vale do São Francisco (BA e PE). Ainda segundo a revista, o preço pago ao produtor iniciou maio a R\$ 0,80/kg, significando redução de 18,20% frente à última semana de abril. A partir da segunda semana do mês, a comercialização da produção nordestina foi se normalizando.

Ainda na primeira quinzena do mês, o tempo firme propiciou a oferta de cebola de melhor qualidade e, como consequência, o preço subiu, alcançando R\$ 1,58/kg, significando aumento de 97,5% em relação ao início do mês, na região de Irecê.

As regiões do Centro Oeste, Santa Juliana (MG) e Cristalina (GO) iniciaram a colheita da safra 2019 nesse mês, devendo se intensificar em junho. As regiões tiveram problemas no início do ciclo da cultura devido ao excesso de chuvas, proporcionando perdas na produção, devido à problemas fitossanitários nas lavouras no início do ciclo de desenvolvimento da hortalíça.

Na região mineira, o início da colheita foi afetado por intempéries, que aumentaram as perdas totais para 15 a 20% em relação às estimativas iniciais de produção. Por outro lado, em Goiás, com o tempo melhor, a colheita foi de bulbos de maior qualidade em relação à MG. Ambas as regiões, de qualquer forma, contribuíram para aumentar a oferta nacional da hortalíça.

A colheita da cebola nas regiões produtoras de São Paulo, como Divinolândia e Piedade, também foi afetada pela ocorrência de chuvas, com perdas de produção e qualidade da hortalíça por problemas fitossanitários, como a camisa d'água.

Com o aumento do ritmo da colheita, a produção paulista deve aumentar sua participação no mercado nacional do bulbo, concomitante a Minas Gerais e Goiás, já que a produção nordestina tende ao final de safra.

Em relação ao mercado internacional, o panorama não é diferente do mês passado. Os estoques, bem como a produção dos principais países exportadores, não atingiram os volumes normais de anos anteriores, contribuindo para a manutenção dos preços internacionais elevados. Esta conjuntura faz com que países como a Holanda priorizem o mercado europeu, principalmente em detrimento a países com mercado de menor remuneração do produto.

No mercado atacadista da CEASA-SC-USJ, no mês de maio os preços variaram de R\$ 1,93/kg na primeira semana para R\$ 1,81/kg no dia 15 do mês. O mês fechou com preço de R\$ 2,00/kg, redução de 25% em relação ao final do mês de abril.

Na CEAGESP-SP, maior central de abastecimento brasileira, no mês de maio o preço da cebola média nacional fechou preço menor em relação ao mês de abril. No dia 30 de maio o preço da hortaliça foi de R\$ 2,48/kg, contra R\$ 3,06/kg no final de abril, significando redução de 18,9%.

A cebola importada argentina se manteve com preço superior ao da cebola nacional durante todo o mês de maio. Iniciou o mês com R\$ 3,51/kg, no dia 15 baixou para R\$ 3,48, fechando o mês com R\$ 2,94/kg, redução de 12,5% em relação ao mês anterior.

No quadro abaixo apresenta o registro das exportações brasileiras de cebola, que do ponto de vista do volume e valores não são expressivos, porém, a depender da conjuntura do mercado, podem contribuir como alternativa localizada e pontual, como ocorreu no ano passado para regiões produtoras de São Paulo, quando as exportações atingiram 21,75 mil toneladas e faturamento de US\$ 3,4 milhões.

Em 2019, o volume atinge em torno de 246 toneladas, com valor por kg de US\$ 0,742 e faturamento total de pouco mais de US\$ 182 mil.

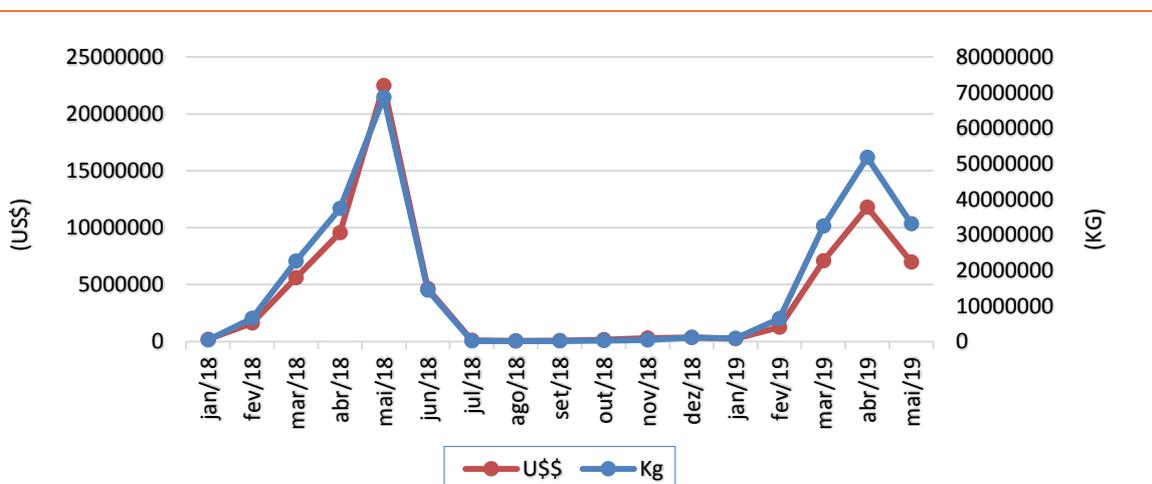
Tabela 12. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e jan. a maio de 2019

Ano	Valor - US\$	Quantidade - kg	Valor médio - US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	182.827	246.302	0,742

Fonte: Comexstat/MDIC – junho/2019.

As importações brasileiras no mês de maio foram de cerca de 33 mil toneladas, redução de 36,05% em relação ao mês de abril e volume semelhante ao mês de março do corrente. Em relação a maio de 2018, a redução das importações foi de 51,77%, quando foram importadas mais de 68 mil toneladas.

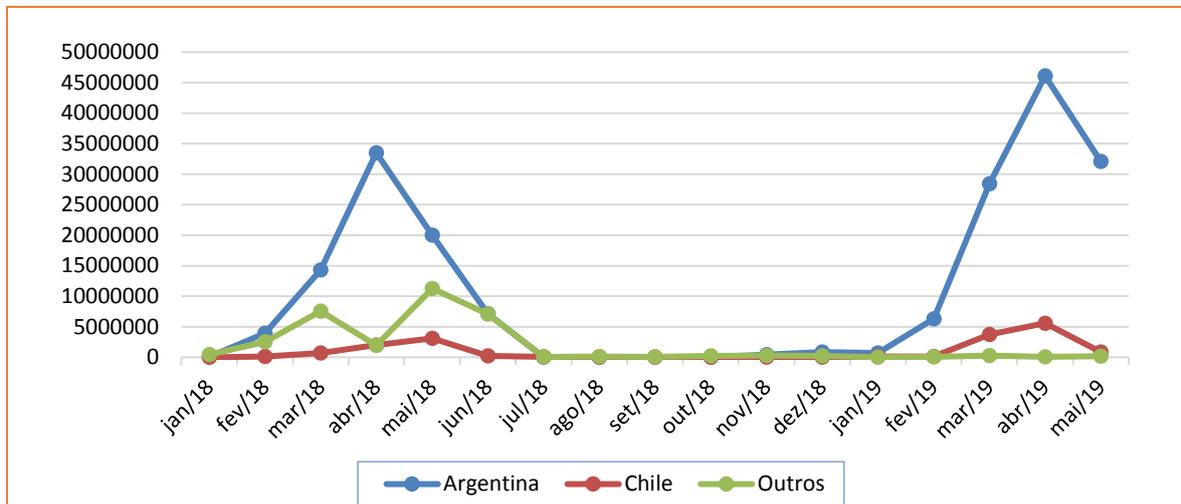
Este quadro corrobora com as análises, que demonstram menor oferta da hortaliça no mercado internacional, propiciando conjuntura de mercado favorável a produção dos cebolicultores brasileiros.



Fonte: Comexstat/MDIC – maio/2019.

Figura 20. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e acumulado até maio de 2019

Em relação aos preços FOB, após pequena recuperação nos meses de março e abril, o mês de maio foi de nova retração, alcançando U\$ 0,2107/kg, queda de 7,5%. A oferta interna equilibrada com a demanda do mercado e o próprio câmbio, foram fatores que contribuíram para o setor se manter competitivo.



Fonte: Comexstat/MDIC – maio/2019.

Figura 21. Cebola – Brasil: principais países fornecedores – 2018 e acumulado até maio de 2019

No mês de maio, as importações argentinas, embora com redução de 14,01 mil toneladas, significando 30,39% em relação a abril, mantiveram a liderança na oferta da hortaliça ao Brasil. Este volume correspondeu a 96,94% do total importado pelo Brasil nesse mês. Os demais fornecedores, incluindo o Chile, participaram com 3,06%, ou apenas 1,01 mil toneladas.

Pecuária

Avicultura

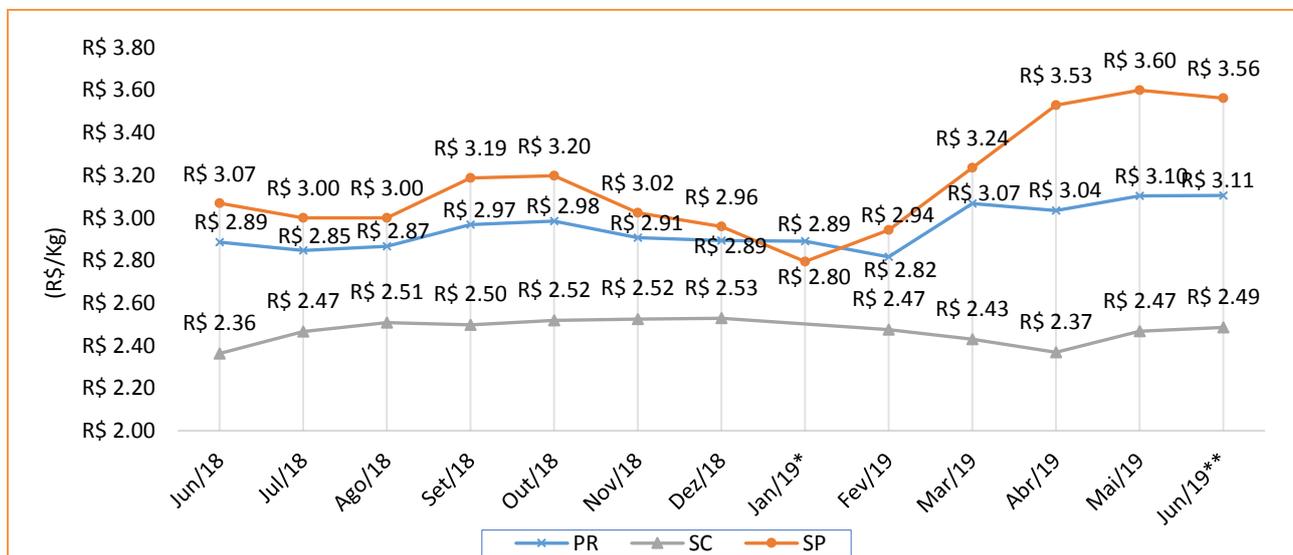
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Preços nacionais e estaduais

Os três estados cujo preço do frango vivo é acompanhado no âmbito do Boletim Agropecuário apresentaram comportamentos distintos entre si nas duas primeiras semanas de junho. Em São Paulo, observou-se queda de 1,04% na comparação com a média de maio. Já em Santa Catarina, o movimento foi inverso, com alta de 0,78% no período. No Paraná, o preço manteve-se praticamente inalterado, com oscilação de apenas 0,08%.

Segundo alguns analistas, a queda no preço ao produtor observada em São Paulo nas últimas semanas está relacionada à fraca demanda por carne de frango no mercado interno, decorrente da persistente crise econômica. Santa Catarina e Paraná, estados onde as exportações respondem por parcela significativa do mercado, foram menos afetados pelas restrições do mercado interno.

Na comparação entre os preços atuais com aqueles praticados em junho de 2018, observam-se variações positivas em todos os casos, embora em índices bastante diversos: 16,10% em São Paulo, 7,98% no Paraná e 5,21% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,66%, de acordo com o IPCA/IBGE.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

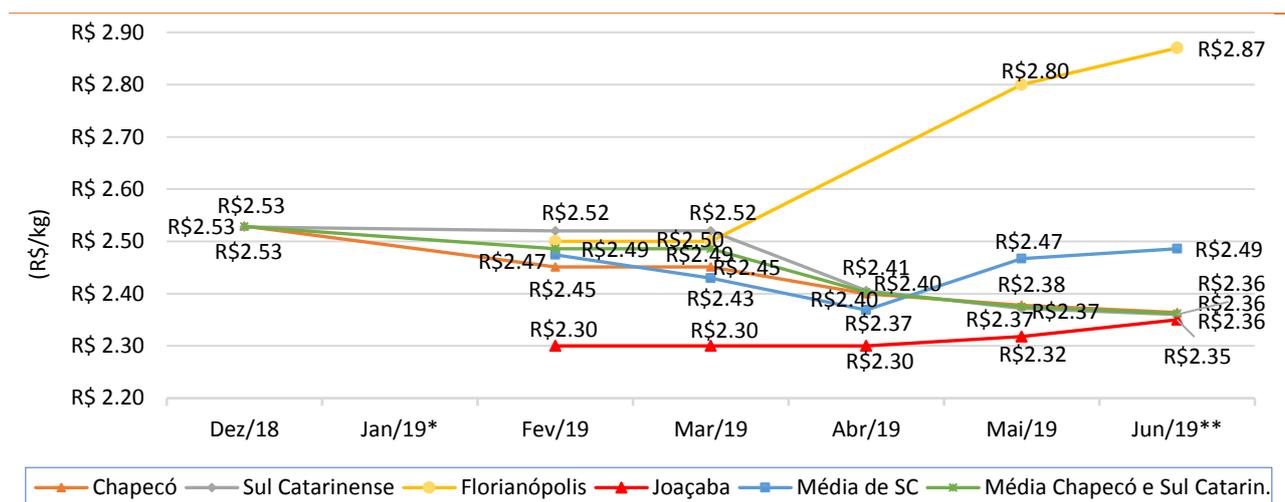
* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Figura 22. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores – 2018/2019

Em Santa Catarina, observaram-se variações distintas nas quatro praças de coleta de preços. Em Florianópolis e Joaçaba, os preços das duas primeiras semanas de junho apresentaram variações positivas em relação às médias do mês anterior: 2,50% e 1,40%, respectivamente. Nas outras praças, os preços caíram no período em questão: -0,59% em Chapecó e -0,48% no Sul Catarinense. Com isso, a média estadual apresentou alta de 0,78%. Contudo, quando se elabora a média levando em consideração apenas as praças de Chapecó e Sul Catarinense, a variação passa a ser de -0,54%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

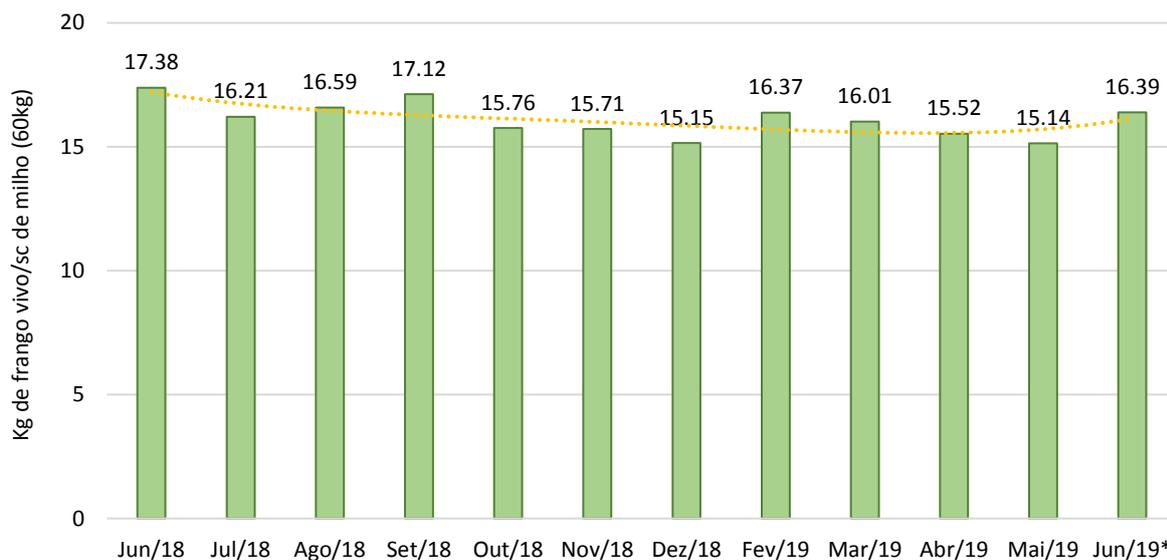
Figura 23. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio nominal⁽¹⁾ pago aos avicultores em três praças distintas, média estadual e média das praças de Chapecó e Sul Catarinense – 2018/2019

Insumos e custos

Em maio, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), elaborado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 1,10% em relação ao mês anterior. Essa variação foi decorrente, principalmente, da elevação do preço dos pintos de 1 dia (1,46%). Por outro lado, as despesas com nutrição registraram queda de 0,39% em relação ao mês anterior. Nos últimos 12 meses, a variação do índice é de -5,29%.

Depois de três meses seguidos de queda, os dados preliminares apontam que em junho a equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta, com variação de 8,28% em relação ao mês anterior. Contudo, o valor atual ainda está 5,65% abaixo daquele registrado em junho de 2018. O resultado é decorrente, principalmente, da elevação do preço do milho na praça de Chapecó (7,64%), também influenciado pela queda de 0,59% no preço do frango vivo na mesma praça.

Apesar da perspectiva de aumento significativo na produção da atual safra, o preço do milho, que vinha registrando quedas consecutivas nos últimos três meses, voltou a subir no mercado brasileiro, principalmente nas regiões consumidoras, como é o caso de Santa Catarina e São Paulo. Esse movimento está relacionado, principalmente, à retração dos produtores, que reduziram os volumes de milho comercializado. A valorização do dólar frente ao real também está contribuindo para manter as cotações do milho em alta.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

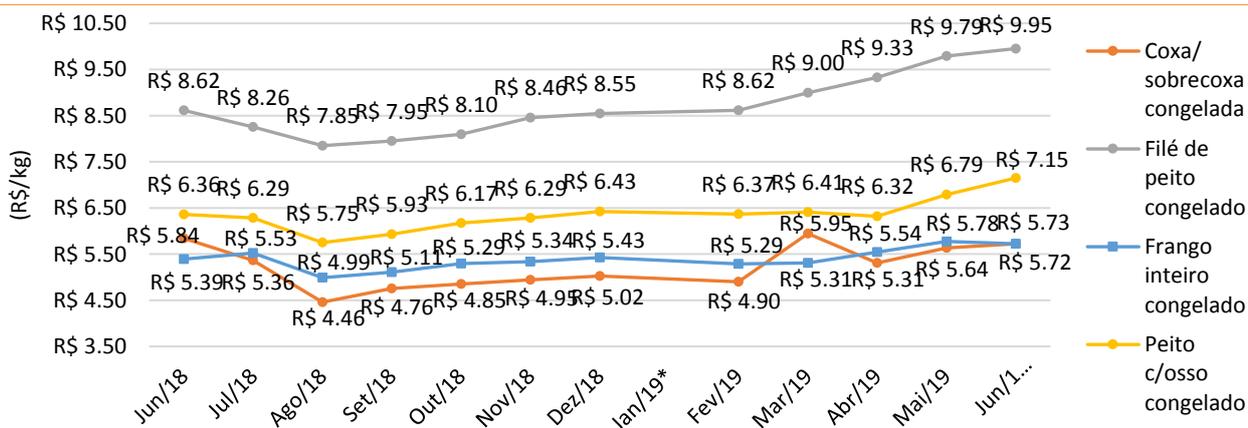
* O valor de junho é preliminar, relativo ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 24. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir um saco de milho – 2018/2019

Atacado

Depois de altas significativas em maio, em junho o mercado atacadista encontra-se um pouco mais estável, embora com variações positivas nos preços preliminares da maioria dos cortes acompanhados: peito com osso congelado (alta de 5,29% em relação ao mês anterior), filé de peito congelado (1,67%) e coxa/sobrecoxa congelada (1,52%). O frango inteiro congelado, por sua vez, apresentou queda de 0,83% no preço preliminar de junho. Na média, os quatro cortes estão 1,91% mais caros que no mês anterior.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 25. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual – 2018/2019

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em junho de 2018, também se verificam altas na maioria dos casos: filé de peito congelado (15,51%), peito com osso congelado (12,42%) e frango inteiro congelado (6,25%). Somente a coxa/sobrecoxa congelada registrou variação negativa (-2,01%). A variação média nesse período é de 8,04%.

Contudo, é necessário recordar que nas últimas semanas de maio de 2018 ocorreu a paralisação de caminhoneiros e empresas do setor de transportes, o que levou ao desabastecimento de diversos produtos, como é o caso da carne de frango, principalmente no início de junho. Naquele período, os preços de atacado dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa subiram em média 33,32%. Em função disso, a diferença de preços entre junho de 2019 e junho de 2018 é significativamente menor do que as variações que eram observadas até maio deste ano.

Há análises que apontam que, com a ampliação da demanda externa ao longo dos próximos meses, principalmente em função da crise na suinocultura chinesa, devem, novamente, ser observadas altas mais consistentes nos preços do mercado interno.

Exportações

No início de junho, o Ministério da Economia, órgão que atualmente responde pela área de comércio exterior, divulgou nota informando que havia efetuado o reprocessamento dos dados de exportação de 2018 (janeiro a dezembro) e 2019 (janeiro a maio), com o objetivo de tornar as informações contidas no Comex Stat mais fidedignas.

Dentre outras coisas, o reprocessamento teria buscado corrigir problemas de associação das notas fiscais às Declarações de Exportação (DU-Exp), o que comprometia a identificação das unidades da federação de origem dos produtos exportados nos casos de Embarque Antecipado. Segundo informou o Ministério, o reprocessamento visou capturar as apresentações tardias de notas fiscais e, conseqüentemente, a atribuição correta dos valores exportados à UF Produtora informada na nota.

Os procedimentos realizados provocaram algumas alterações nos dados previamente contidos no Comex Stat, inclusive no ano de 2018. No caso da carne de frango, por exemplo, anteriormente o sistema registrava a exportação de 4.017.690 toneladas, com receitas de US\$ 6,412 bilhões. Após o reprocessamento, a quantidade passou a ser de 4.017.693 toneladas (acréscimo de pouco mais de 3 toneladas) e as receitas caíram para US\$ 6,400 bilhões (queda de aproximadamente US\$ 12 milhões).

Embora os valores nacionais tenham se mantido praticamente inalterados, no âmbito dos estados houve mudanças mais significativas, em especial no caso de Santa Catarina. Até maio passado, o Comex Stat informava que em 2018 Santa Catarina havia exportado 1,089 milhão de toneladas de carne de frango, com faturamento de US\$ 1,84 bilhão. Após o reprocessamento, o montante exportado pelo estado no ano passado passou a ser de **1,26 milhão de toneladas**, com faturamento de **US\$ 2,12 bilhões**.

As efetivas razões e impactos de tais mudanças ainda estão em análise e devem ser detalhadas nos próximos boletins. Contudo, de forma preliminar é possível afirmar que parte da carne de frango produzida e exportada por Santa Catarina vinha sendo contabilizada em prol de outras unidades da federação.

Os valores apresentados no presente boletim já levam em consideração o reprocessamento, a não ser em casos específicos e devidamente indicados. Os próximos boletins também adotarão o mesmo padrão.

Em maio, o Brasil exportou **373,15 mil toneladas** (*in natura* e industrializada), aumento de **5,16%** em relação ao mês anterior e de **13,64%** na comparação com maio de 2018.

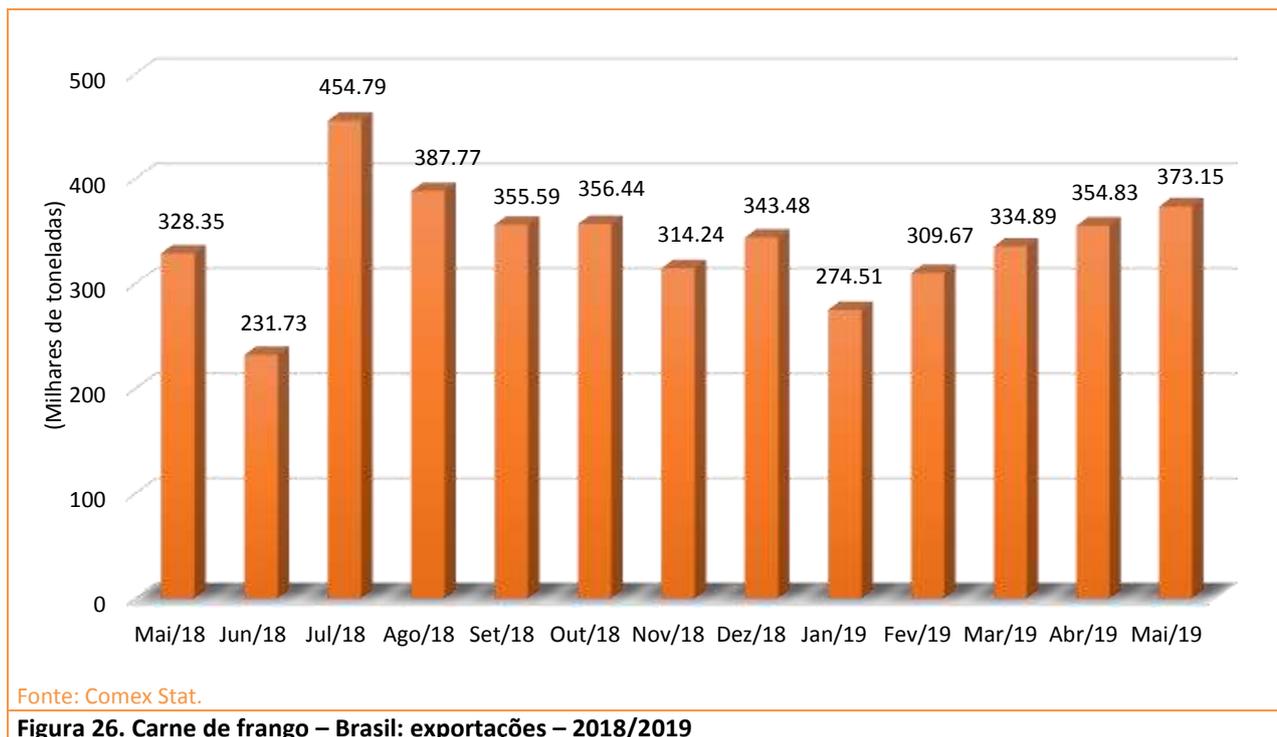


Figura 26. Carne de frango – Brasil: exportações – 2018/2019

O faturamento com as exportações de carne de frango em maio foi de **US\$ 650,42 milhões**, o que representa aumento de **9,66%** em relação a abril e de **27,12%** na comparação com maio de 2018.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no mês passado foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 56,02% das receitas do período.

As exportações de janeiro a maio somam **1,65 milhão de toneladas**, com faturamento de **US\$ 2,76 bilhões**. Em relação ao mesmo período de 2018, registra-se aumento de **10,79%** em receitas e **4,66%** em quantidade.

Segundo os dados parciais divulgados pelo Ministério da Economia, na primeira semana de junho (5 dias úteis) registrou-se alta na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a maio: 27,75% em valor e 32,21% em quantidade. Na comparação com junho de 2018, a variação nas médias diárias é ainda mais significativa: aumento de 120,42% em valor e 100,22% em quantidade. Contudo, é necessário lembrar que junho de 2018 foi justamente o mês mais afetado pela paralisação de caminhoneiros ocorrida no final de maio, o que contribui para que as diferenças sejam tão significativas.

Com as mudanças metodológicas e o reprocessamento anteriormente mencionado, houve também alterações significativas nos registros de exportação de Santa Catarina no primeiro quadrimestre deste ano. Para que se tenha uma ideia, na edição anterior do Boletim Agropecuário informou-se que as exportações catarinenses de carne de frango em abril de 2019 haviam atingido o montante de **82,56 mil toneladas**, com receitas de **US\$ 149,01 milhões**. De acordo com os dados reprocessados, as exportações catarinenses em abril foram de **137,70 mil toneladas**, com receitas de **US\$ 242,54 milhões**.

Em maio, Santa Catarina exportou **143,54 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de **4,24%** em relação a abril e de **36,14%** na comparação com maio de 2018.

O faturamento foi de **US\$ 242,54 milhões**, alta de **1,32%** em relação a abril e de **37,94%** quando comparado a maio de 2018.

Nos primeiros cinco meses deste ano, Santa Catarina exportou **626,92 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 1,08 bilhão**, incremento de **61,03%** em quantidade e de **61,21%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2018.

Com esses resultados, Santa Catarina foi responsável por **39,10%** das receitas brasileiras geradas pela exportação de carne de frango de janeiro a maio, **tornando-se o maior exportador brasileiro desse produto**.

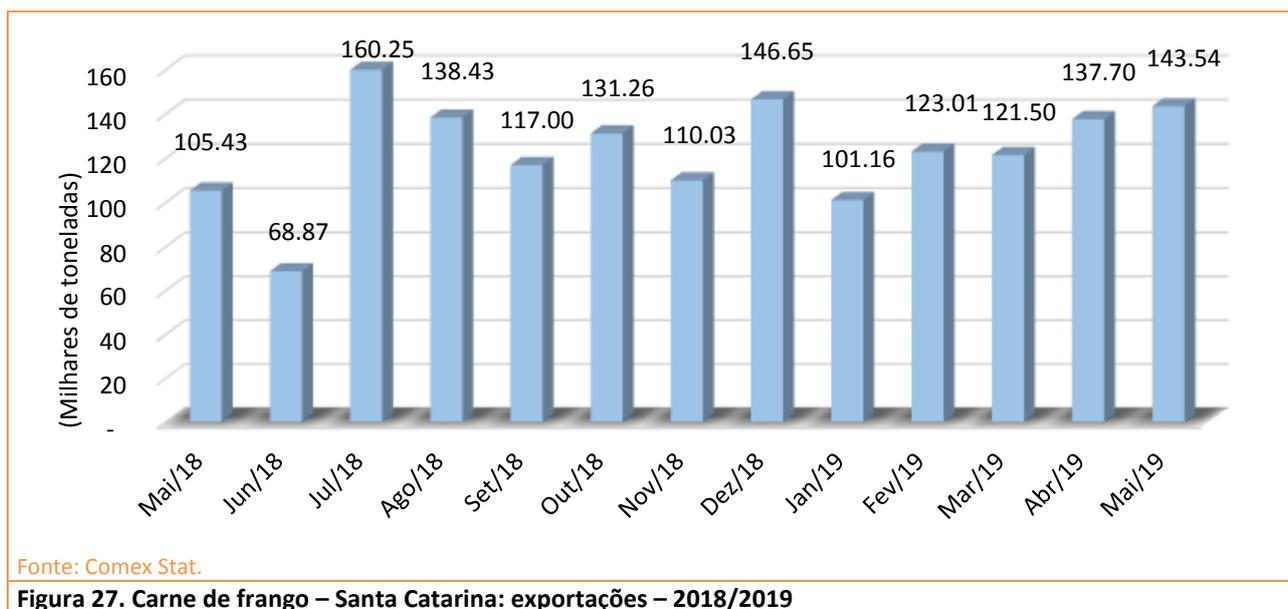


Figura 27. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2018/2019

A tabela 13 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense em maio, os quais responderam por 51,82% do valor exportado pelo estado no período.

Tabela 13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – maio/2019		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	34.265.127,00	18.148
China	28.195.862,00	15.288
Arábia Saudita	22.191.872,00	14.499
Emirados Árabes Unidos	20.971.661,00	11.697
Países Baixos (Holanda)	20.050.401,00	9.252
Demais países	116.867.160,00	74.652
Total	242.542.083,00	143.536

Fonte: Comex Stat.

Dos dez principais importadores da carne catarinense em maio, apenas três apresentaram variação negativa em relação ao mesmo mês de 2018: Hong Kong (-26,18% em valor e -20,27% em quantidade), Cingapura (-2,23% em valor e -9,77% em quantidade) e Coreia do Sul (-0,85% em quantidade, mas com alta de 1,72% em valor). Dentre os resultados positivos, destacam-se a China, que registrou aumento de 53,05% em valor e 42,03% em quantidade, além dos Emirados Árabes Unidos, com variações de 101,14% e 107,42%, respectivamente, e Kuwait, com 225,72% e 209,41%.

A China segue ampliando suas aquisições de carne de frango, principalmente em decorrência do surto de peste suína africana que afeta aquele país desde agosto de 2018 e tem reduzido a oferta de proteínas de origem animal. As exportações catarinenses de frango para a China e Hong Kong, nos primeiros cinco meses do ano, somaram 82,84 mil toneladas, com faturamento de US\$ 142,72 milhões, o que representa incrementos de 29,51% e 33,25%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Na última semana de maio, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) informou que encaminharia ao governo chinês uma relação com 30 frigoríficos indicados a exportar para aquele país. Atualmente, o Brasil possui 16 frigoríficos de carne bovina, 9 de carne suína e 35 de aves habilitados a exportar para a China, mas busca expandir estes números diante da crescente demanda. Entre as 30 unidades constantes da lista apresentada em maio, 6 já passaram por vistorias e aval dos chineses e devem ser credenciadas em breve. A lista inclui abatedouros de bovinos, aves, suínos e asininos, informou o Mapa.

O México, que em 2018 figurava entre os dez principais destinos do frango catarinense, apresenta resultados negativos nos últimos meses. Isso se deve, principalmente, ao vencimento da vigência da cota livre de tarifa de importação. Felizmente, na última semana de maio o México renovou a cota de 300 mil toneladas anuais, além de anunciar um acréscimo de 55 mil toneladas à mesma. Com isso, espera-se que a partir de junho as exportações para aquele país comecem a se normalizar.

É importante destacar que, de acordo com dados do USDA, o México é o 7º principal consumidor mundial de carne de frango e o 2º maior importador. Segundo o Observatório de Complexidade Econômica, 77% da carne de frango importada pelo México em 2017 teve como procedência os EUA e 19% o Brasil.

Essas informações ganham maior relevância quando se leva em consideração que, na última semana de maio, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou a taxaço de todos os produtos importados do México, até que o país vizinho elimine ou reduza drasticamente a entrada de imigrantes clandestinos em território estadunidense. A tarifa deve iniciar em 5% e ser gradativamente majorada nos meses seguintes, até atingir 25%. Caso essa decisão seja efetivada, é possível que o México adote medidas semelhantes em relação aos produtos estadunidenses, o que poderia favorecer o Brasil, em especial no que diz respeito ao frango.

De forma geral, a elevação da demanda originária das exportações observada no últimos meses deve se refletir, também, em aumento na produção brasileira de carne de frango em 2019. Sinal disso é o aumento de 1,41% na produção de pintos de corte no 1º trimestre deste ano, conforme informou a Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco).

Fusão entre BRF e Marfrig

Em fins de maio, BRF e Marfrig divulgaram a assinatura de um memorando de entendimento com o objetivo de avaliar a potencial fusão entre as duas empresas. Os estudos devem ser concluídos em, no máximo, 4 meses, quando, então, será possível saber se a fusão se efetivará ou não. Caso se concretize, dará origem à quarta maior empresa do setor de proteínas animais do mundo, atrás apenas da brasileira JBS, da americana Tyson Foods e da chinesa Smithfield.

Os impactos dessa possível fusão nas estratégias das empresas e sobre o segmento da produção de animais ainda não são totalmente conhecidos. Contudo, acredita-se que nos próximos meses surjam novas informações que ajudem a elucidar essas questões.

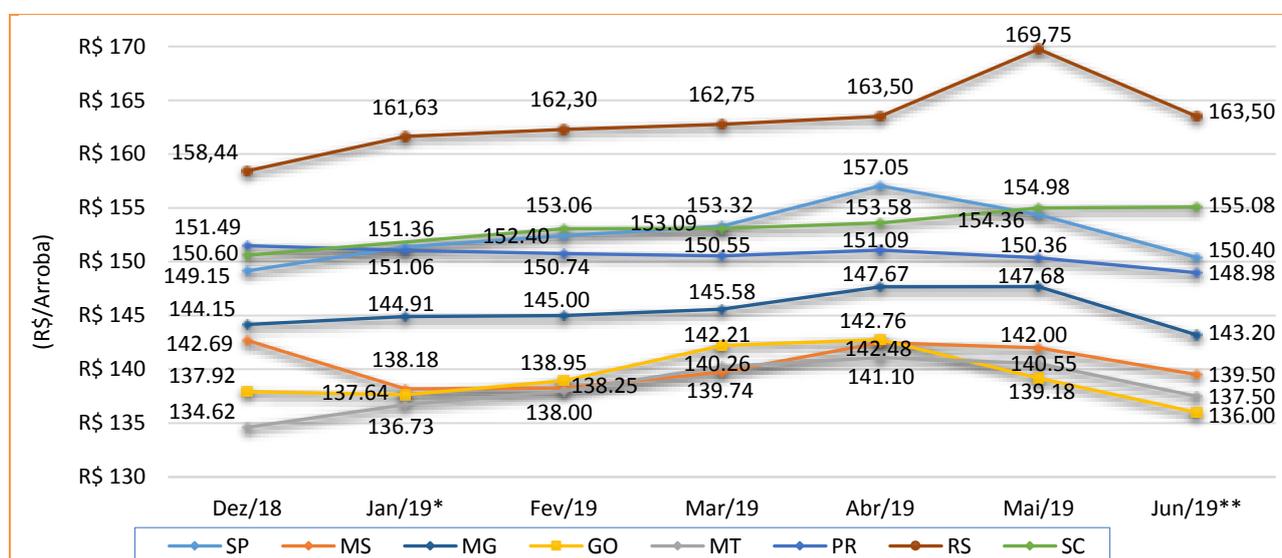
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços nacionais e estaduais

Nas primeiras semanas de junho, o mercado do boi gordo foi dominado pelos movimentos de queda nos preços. Dos oito estados analisados, sete apresentaram variações negativas nos preços preliminares do mês corrente em relação a maio: Rio Grande do Sul (-3,68%), Minas Gerais (-3,03%), São Paulo (-2,57%), Goiás (-2,29%), Mato Grosso (-2,17%), Mato Grosso do Sul (-1,76%) e Paraná (-0,92%). O único estado que apresentou variação levemente positiva é Santa Catarina, com 0,06%.

Em maio já havia sido observada a predominância dos movimentos de queda (em cinco dos oito estados), interrompendo a tendência de alta registrada desde o último trimestre de 2018 na maioria dos estados.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

Figura 28. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – 2018/2019

Uma provável causa da acentuação do movimento de queda nos preços do boi gordo é a detecção de um caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), conhecido como Mal da Vaca Louca, no estado de Mato Grosso, que acarretou na suspensão temporária das exportações de carne bovina para a China, principal comprador do produto brasileiro. Com isso, muitos frigoríficos reduziram o ritmo dos abates e se mantiveram em compasso de espera, de forma a avaliar melhor os efeitos dessa medida sobre o mercado.

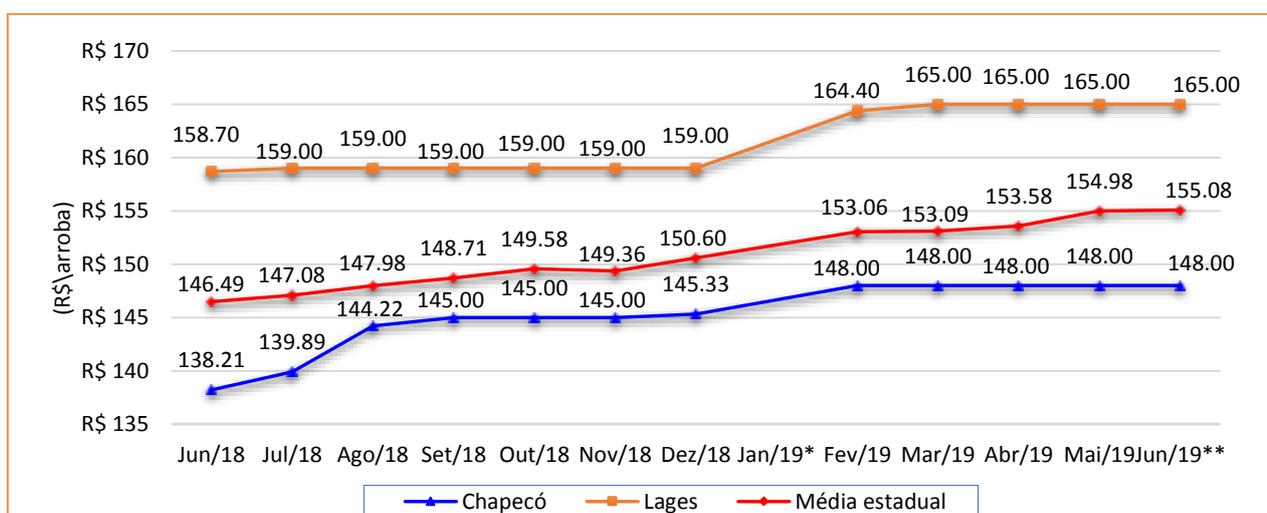
Outro fator que deve ser considerado nesta análise e que provavelmente contribuiu com a tendência de baixa, é o avanço do período de seca no Centro Oeste, o que diminui a qualidade das pastagens e força os pecuaristas a comercializarem grande parte dos animais em condições de abate, aumentando a oferta de animais.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em junho de 2018, as variações são positivas em todos os estados: 10,42% no Mato Grosso do Sul, 9,00% em Minas Gerais, 8,72% em São Paulo, 7,69%

em Goiás, 7,54% no Mato Grosso, 7,20% no Paraná, 5,87% em Santa Catarina e 4,61% no Rio Grande do Sul.

Com exceção do Rio Grande do Sul, os índices de todos os demais estados estão acima da inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 4,66% (IPCA/IBGE).

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantêm-se inalterados desde março, conforme apresentado no gráfico a seguir. Já a média estadual segue em alta, tendência registrada ao longo dos últimos doze meses (interrompida brevemente em novembro de 2018). Os valores preliminares de junho encontram-se 0,06% acima da média de maio. Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em junho de 2018, a variação é de 7,08% em Chapecó e 3,97% em Lages, enquanto a média estadual variou 5,87%⁸.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

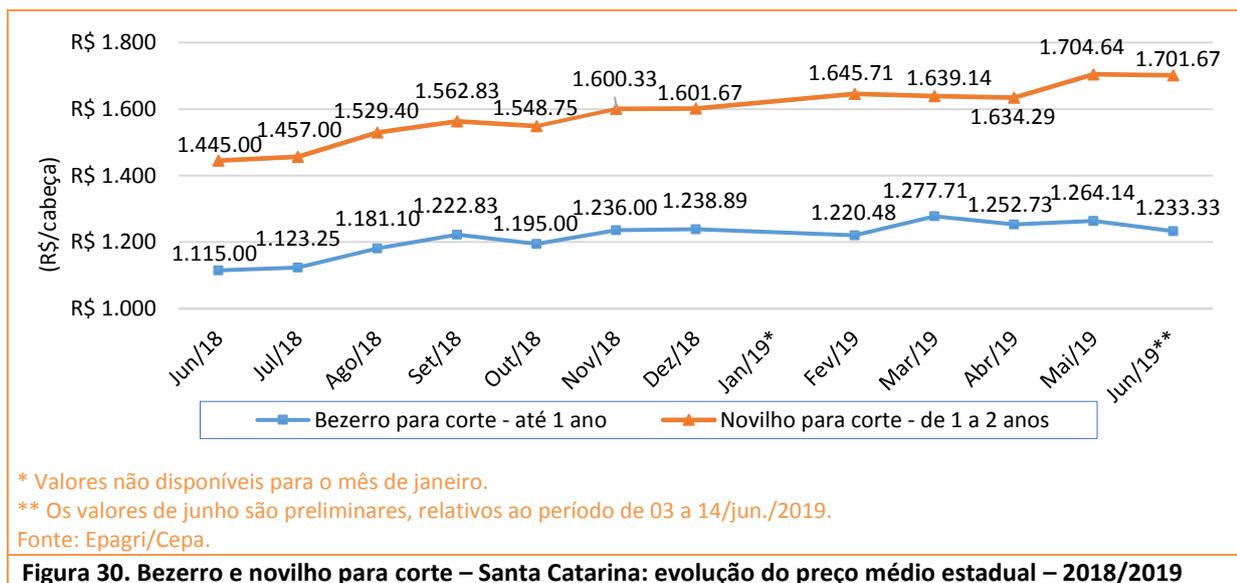
Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 29. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018/2019

Insumos e custos

De acordo com os dados preliminares, os preços dos animais de reposição registraram variação negativa em junho, para ambas as categorias. No caso dos bezerros para corte de até 1 ano, observou-se queda de 2,44% na comparação com maio. Já os novilhos de 1 a 2 anos apresentaram variação de apenas -0,17% no mesmo período.

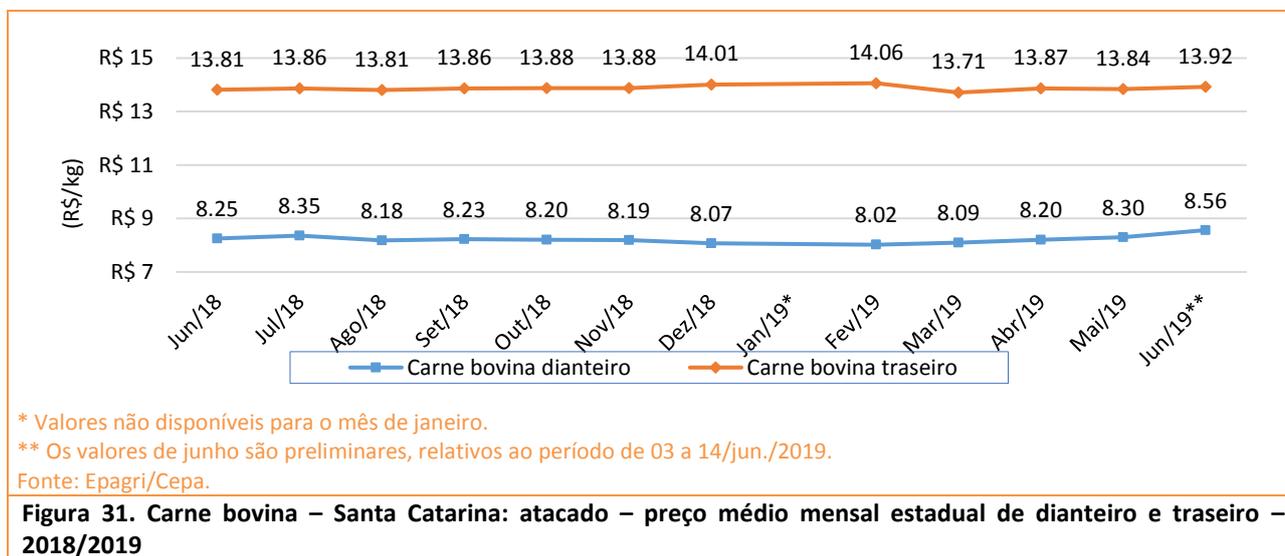
⁸ Em 2018 ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. Ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre junho de 2018 e junho de 2019 é de 4,96%.



Atacado

De acordo com os dados preliminares, em junho observou-se uma leve aceleração no movimento de alta nos preços de atacado da carne bovina, o qual já vinha sendo observado em grande parte deste ano. A carne de traseiro registrou alta de 0,58% em relação a maio, enquanto o dianteiro subiu 3,15%.

Contudo, quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em junho de 2018, verificam-se variações de apenas 3,87% na carne de dianteiro e 0,82% na carne de traseiro.



Exportações

No início de junho, o Ministério da Economia, órgão que atualmente responde pela área de comércio exterior, divulgou nota informando que havia efetuado o reprocessamento dos dados de exportação de 2018 (janeiro a dezembro) e 2019 (janeiro a maio), com o objetivo de tornar as informações contidas no Comex Stat mais fidedignas.

Dentre outras coisas, o reprocessamento teria buscado corrigir problemas de associação das notas fiscais às Declarações de Exportação (DU-Exp), o que comprometia a identificação das unidades da federação de origem dos produtos exportados nos casos de Embarque Antecipado. Segundo informou o ministério, o reprocessamento visou capturar as apresentações tardias de notas fiscais e, conseqüentemente, a atribuição correta dos valores exportados à UF Produtora informada na nota.

Os procedimentos realizados provocaram algumas alterações nos dados previamente contidos no Comex Stat, inclusive no ano de 2018. No caso da carne bovina, por exemplo, anteriormente o sistema registrava a exportação de 1.640.996 toneladas, com receitas de US\$ 6,546 bilhões. Após o reprocessamento, a quantidade passou a ser de 1.640.872 toneladas (redução de cerca de 124 toneladas) e as receitas caíram para US\$ 6,543 bilhões (queda de aproximadamente US\$ 3 milhões).

Em Santa Catarina, não houve alteração na quantidade exportada em 2018, apenas um pequeno ajuste de valores, passando-se de US\$ 14.799.329,00 para **US\$ 14.800.585,00**.

Os valores apresentados no presente boletim já levam em consideração o reprocessamento, a não ser em casos específicos e devidamente indicados. Os próximos boletins também adotarão o mesmo padrão.

Em maio, o Brasil exportou **149,76 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **9,23%** em relação ao mês anterior e de **34,22%** na comparação com maio de 2018.



As receitas de maio foram de **US\$ 573,32 milhões**, alta de **11,17%** em relação a abril e de **23,99%** quando comparado a maio de 2018.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira em maio responderam por 60,12% das receitas e 60,93% do volume embarcado no mês.

Tabela 14. Carne bovina – Brasil: principais destinos das exportações – maio/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	143.478.535,00	30.002
Hong Kong	98.362.362,00	30.934
Chile	35.527.463,00	9.083
Emirados Árabes Unidos	33.724.582,00	9.488
Egito	33.566.464,00	11.737
Demais países	228.658.671,00	58.518
Total	573.318.077,00	149.762

Fonte: Comex Stat.

Todos os dez principais destinos da carne bovina em maio apresentaram variações positivas nas quantidades importadas, quando comparadas com maio de 2018, com destaque para a China (26,07%), Hong Kong (14,50%), Emirados Árabes Unidos (455,46%) e Rússia (2.587,77%). No caso da Rússia, é necessário lembrar que durante quase todo o ano de 2018 perdurou um embargo que impedia a comercialização de carne bovina brasileira *in natura* para aquele país.

De janeiro a maio deste ano foram exportadas **692,01 mil** toneladas de carne bovina, **16,69%** mais que no mesmo período do ano anterior. O faturamento foi de **US\$ 2,59 bilhões**, **7,80%** acima do que foi registrado em 2018. China e Hong Kong foram responsáveis por 39,23% do montante e 40,50% do valor exportado pelo país no período.

O crescimento das importações chinesas deve-se, principalmente, à redução na oferta de proteínas de origem animal, em decorrência do surto de peste suína africana que afeta o país desde agosto de 2018.

Os dados preliminares do Ministério da Economia referentes à primeira semana de junho (5 dias úteis), demonstram que, na comparação com o mês anterior, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* aumentou 11,44% em valor e 7,99% em quantidade. Em relação a junho de 2018, o aumento da média diária é ainda mais expressivo: 123,19% em valor e 133,12% em quantidade. Contudo, é necessário lembrar que junho de 2018 foi justamente o mês mais afetado pela paralisação de caminhoneiros ocorrida no final de maio, o que contribuiu para que as diferenças sejam tão significativas.

Segundo nota divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), esse cenário de alta nas exportações é resultado do baixo custo de produção do Brasil frente a outros importantes produtores, da qualidade da carne brasileira, da valorização do dólar em relação ao real e, principalmente, da demanda asiática aquecida.

Depois da variação negativa em abril, em maio as exportações catarinenses de carne bovina voltaram a registrar resultados positivos. Foram exportadas **303 toneladas**, alta de **86,82%** em relação ao mês anterior e de 31,03% na comparação com maio de 2018. O faturamento de maio foi de **US\$ 817 mil**, **72,66%** superior a abril e 5,68% acima do registrado em maio do ano passado.

No acumulado de janeiro a maio, foram exportadas **1,68 mil toneladas**, com faturamento de **US\$ 4,75 bilhões**, queda de 9,83% em quantidade e 23,77% em valor, na comparação com o mesmo período de 2018. Hong Kong foi o destino de aproximadamente 58% da carne bovina exportada pelo estado este ano.

Mal da Vaca Louca

Em 31 de maio, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) confirmou a identificação de um caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), também conhecida como mal da vaca louca, no Mato Grosso. De acordo com a Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério, o caso foi registrado numa vaca

de corte de 17 anos. Após a confirmação, o Brasil notificou oficialmente a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e os países importadores. Conforme manifestação do Mapa, trata-se de uma ocorrência isolada e que não traz riscos à população. O Ministério ressaltou, também, que o caso não afetará a classificação de risco do Brasil para a doença e que o país continuará a ser considerado de risco insignificante.

O mal da vaca louca foi identificado pela primeira vez há cerca de 20 anos, na Europa. Desde então, o Brasil registrou somente três casos de EEB atípica, contraída de forma isolada, e nenhum caso de EEB clássica, quando a doença é contraída pela ingestão de carne de algum outro animal contaminado.

Alguns dias após o anúncio, o governo brasileiro suspendeu os embarques de carne bovina para a China, principal destino desse produto. Tal medida faz parte das exigências dos órgãos sanitários chineses nesse tipo de situação, suspendendo-se os embarques até que o problema seja esclarecido.

Tendo em vista a importância do mercado chinês nas exportações brasileiras, a medida preocupou o setor, a ponto de influenciar nos preços praticados em diversas praças, conforme mencionado anteriormente. Uma das empresas que exportam carne bovina para a China chegou a anunciar férias coletivas (posteriormente suspensas) em uma de suas unidades, como forma de equilibrar seu fluxo de produção.

Não obstante a apreensão causada no setor e os efeitos que tal medida teve sobre o mercado nas duas semanas em que vigorou, em 13 de junho o Mapa anunciou a revogação da suspensão, devendo as exportações ser normalizadas nas próximas semanas.

Perspectivas

Segundo relatório do Rabobank divulgado no início de junho, a produção brasileira de carne bovina deve crescer cerca de 2% em 2019 e os preços devem subir ainda mais no segundo semestre, diante da aceleração das exportações. Não obstante a perspectiva de variação positiva, o banco resalta que esse índice se constitui numa desaceleração em relação à alta de 4% registrada em 2018.

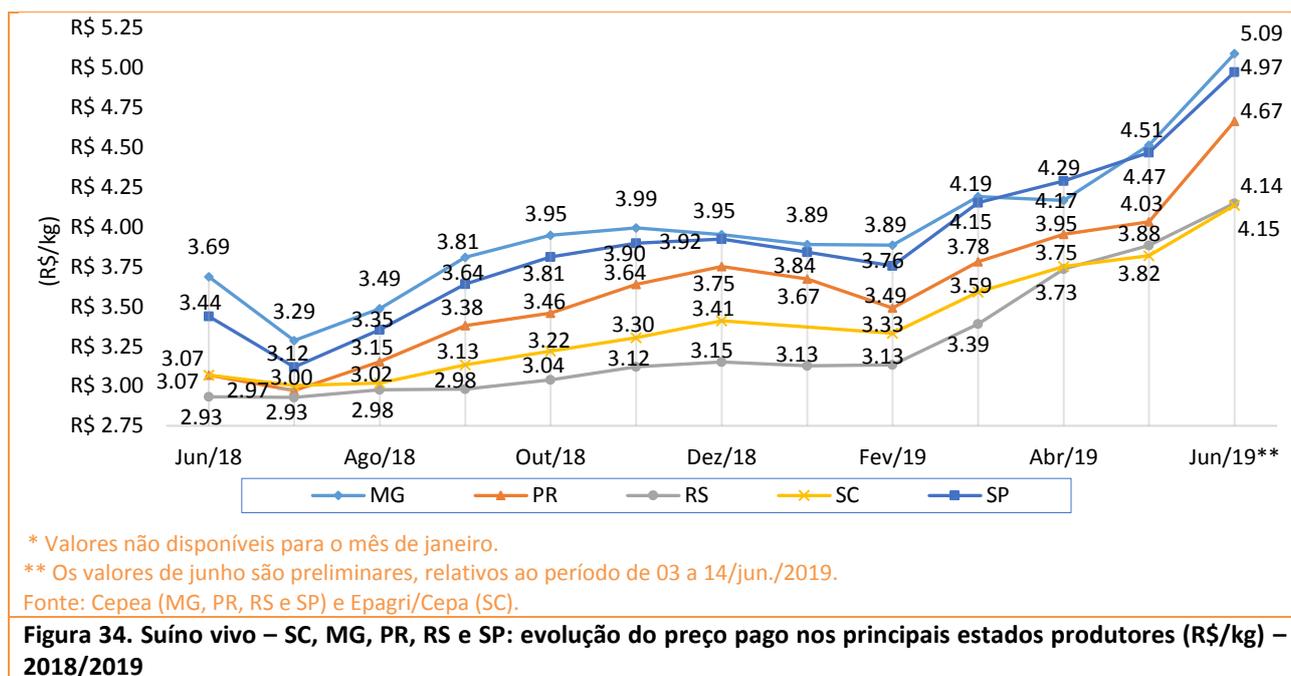
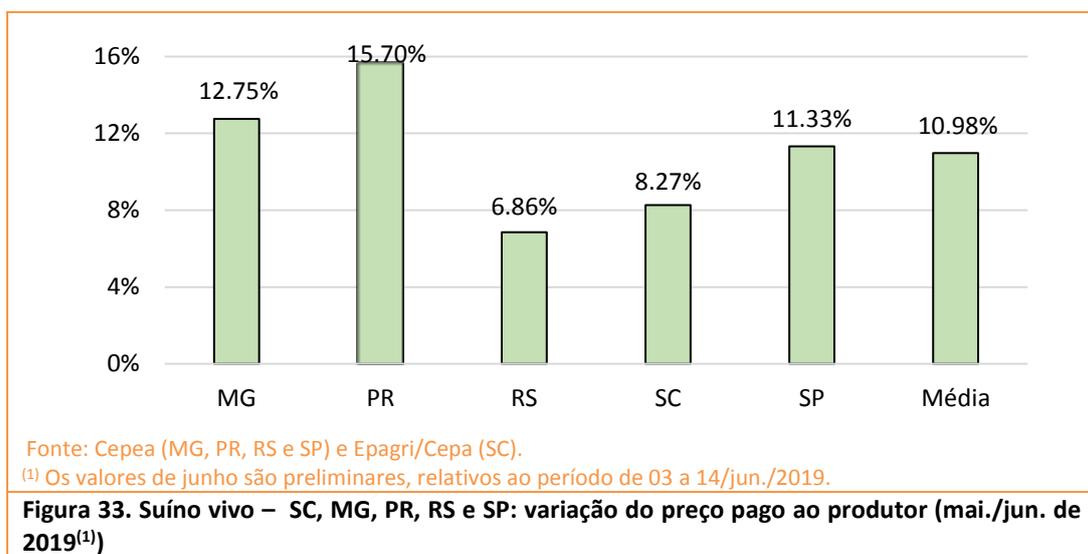
Ainda de acordo com o Rabobank, a demanda internacional por carne bovina brasileira deve continuar em alta em função dos casos de peste suína africana na Ásia. Já a demanda doméstica deve ter uma recuperação mais lenta que a esperada anteriormente, alinhada à revisão na expectativa de crescimento da economia brasileira neste ano e aos altos índices de desemprego vigentes.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços nacionais e estaduais

O mercado de suínos vivos para abate mantém a tendência de alta iniciada em julho de 2018 e interrompida entre dezembro de 2018 e fevereiro deste ano. Nas duas primeiras semanas de junho, registraram-se altas nos preços médios dos cinco estados analisados, quando comparados aos valores praticados no mês anterior, conforme apresentado no gráfico a seguir.



Na comparação com junho de 2018, as variações também são positivas e bastante expressivas em todos os estados: 51,98% no Paraná, 44,65% em São Paulo, 41,51% no Rio Grande do Sul, 38,00% em Minas Gerais e 34,80% em Santa Catarina. Ou seja, em todos os casos os valores atuais superam em muito a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 4,66%, segundo o IPCA/IBGE.

Em Chapecó, praça de referência para os suínos vivos em Santa Catarina, os preços apresentam alta desde novembro de 2018, movimento que se intensificou a partir de março deste ano. Em junho, mantém-se essa tendência, com variação de 5,12% para os produtores integrados e 4,78% para os independentes. Na comparação com junho de 2018, os aumentos são ainda mais expressivos: 25,39% para os produtores integrados e 28,53% para os independentes.

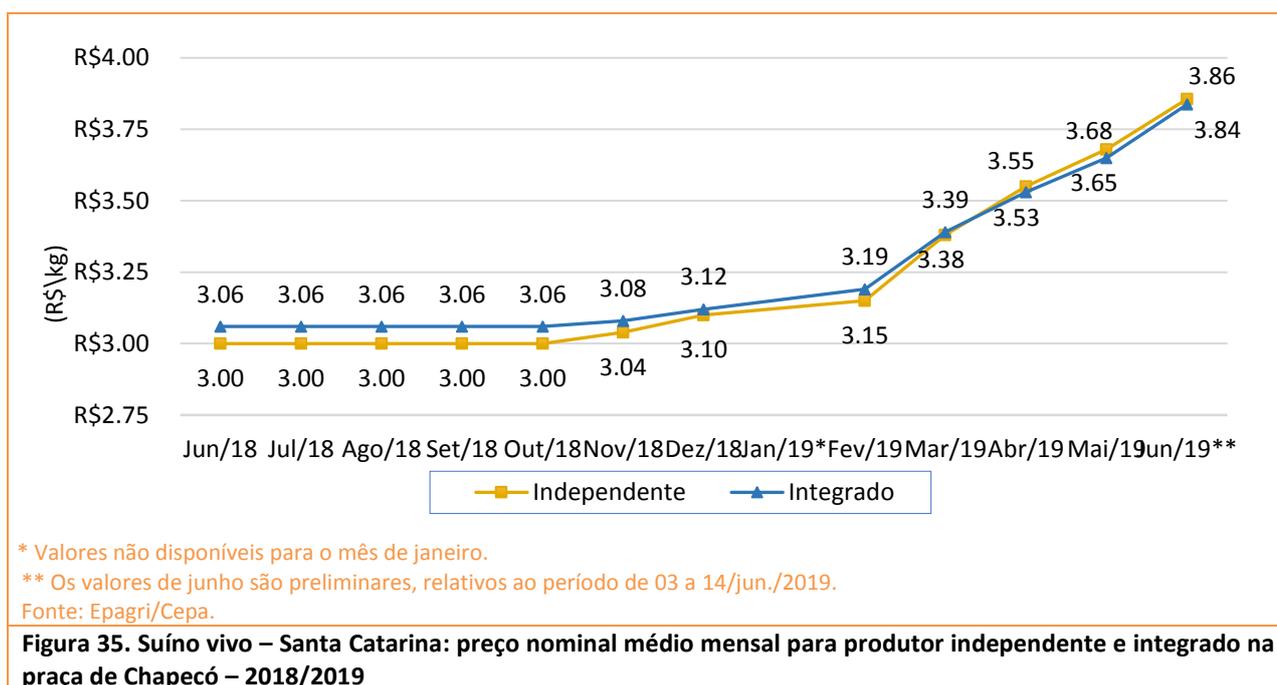
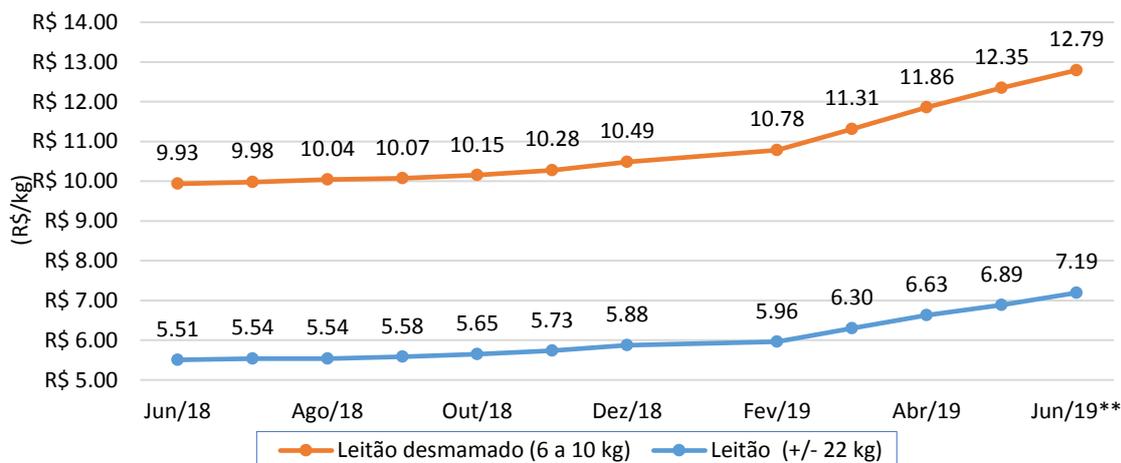


Figura 35. Suíno vivo – Santa Catarina: preço nominal médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó – 2018/2019

As variações acentuadas nos preços dos suínos vivos estão associadas, principalmente, à elevada demanda pelo produto no mercado externo. As exportações brasileiras de carne suína seguem aquecidas, impulsionadas pelos efeitos da peste suína africana na China, principal produtor e consumidor mundial dessa proteína animal, e em outros países asiáticos. Com isso, a disponibilidade doméstica de carne suína permanece ajustada, alavancando os preços do animal vivo.

Insumos e custos

Os preços dos leitões seguem apresentado movimento de alta, situação que caracterizou o setor nos últimos meses. Em relação a maio, os preços preliminares de junho registraram aumento de 3,57% para os leitões de 6 a 10kg e 4,46% para os leitões na faixa dos 22kg. Na comparação com as médias de junho de 2018, as variações são ainda mais significativas, com aumento de 28,77% para os leitões de 6 a 10kg e de 30,65% para os animais na faixa dos 22kg.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

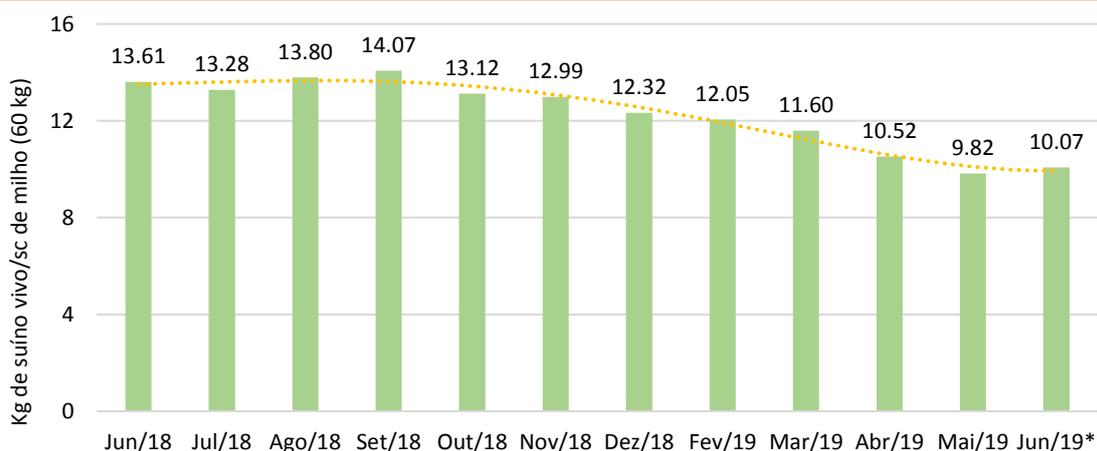
** Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 36. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – 2018/2019

Em maio, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou queda de 0,57% em relação ao mês anterior, principalmente pela redução nos custos com nutrição (-1,11%). Nos últimos 12 meses, o ICPSuíno caiu 9,89%.

Após seis meses consecutivos de quedas, em junho a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta, interrompendo o movimento iniciado no último trimestre de 2018. O valor preliminar de junho é 2,56% superior ao de maio. Esse resultado é decorrente, principalmente, da alta no preço do milho na praça de Chapecó (7,64%) registrada nas duas primeiras semanas de junho, que foi minimizado pela elevação de 4,95% no preço do suíno vivo. Não obstante o resultado preliminar do corrente mês, o valor atual é 26% menor que o observado em junho de 2018.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de junho é preliminar, relativo ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 37. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018/2019

Apesar da perspectiva de aumento significativo na produção da atual safra, o preço do milho, que registrou quedas consecutivas nos últimos três meses, voltou a subir no mercado brasileiro, principalmente nas regiões consumidoras, como é o caso de Santa Catarina e São Paulo. Esse movimento está relacionado, principalmente, à retração dos produtores, que reduziram os volumes de milho comercializado. A valorização do dólar frente ao real também contribuiu para manter as cotações do milho em alta.

Atacado

Os preços de atacado da carne suína seguem relativamente estáveis, não obstante o significativo aumento nos preços do suíno vivo e o crescimento das exportações este ano, principalmente em decorrência da demanda chinesa. Dos cinco cortes cujo preço é divulgado pela Epagri/Cepa, três apresentaram variações positivas nos valores preliminares de junho, em relação ao mês anterior: pernil (4,31%), carré (3,70%) e carcaça (2,11%). Por outro lado, lombo e costela apresentaram variações negativas: -1,18% e -0,64%, respectivamente. Os preços da segunda semana de junho apresentam um viés mais significativo de alta, o que indica uma provável continuidade e acentuação do movimento de alta nas próximas semanas.

Tabela 15. Carne suína – Santa Catarina: preço médio estadual no atacado – 2019

Produto	(R\$)		
	Abril/19	Maior/19	Junho/19 ⁽¹⁾
Carré (sem couro)	8,61	8,55	8,86
Costela (sem couro)	12,61	12,68	12,60
Lombo	12,56	12,37	12,23
Carcaça	7,03	7,01	7,16
Pernil (com osso e couro)	7,61	7,32	7,64

⁽¹⁾ Os valores de junho são preliminares, relativos ao período de 03 a 14/jun./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em junho de 2018, todos os cinco cortes apresentam variações positivas, mas em índices bastante distintos: carcaça (15,26%), lombo (11,45%), pernil (8,87%), carré (7,85%) e costela (5,71%). A variação média dos cinco cortes foi de 9,83%, índice significativamente menor do que o observado nos meses anteriores, quando a diferença em relação a 2018 girava em torno de 15%.

Esse cenário está relacionado, principalmente, à paralisação de caminhoneiros e empresas do setor de transportes, ocorrida em fins de maio de 2018, que acarretou o desabastecimento de diversos produtos, como é o caso da carne suína. Com isso, os preços de atacado dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa subiram em média 6,35% em junho, não retornando mais aos patamares anteriores.

O gráfico seguinte apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína desde junho de 2018.

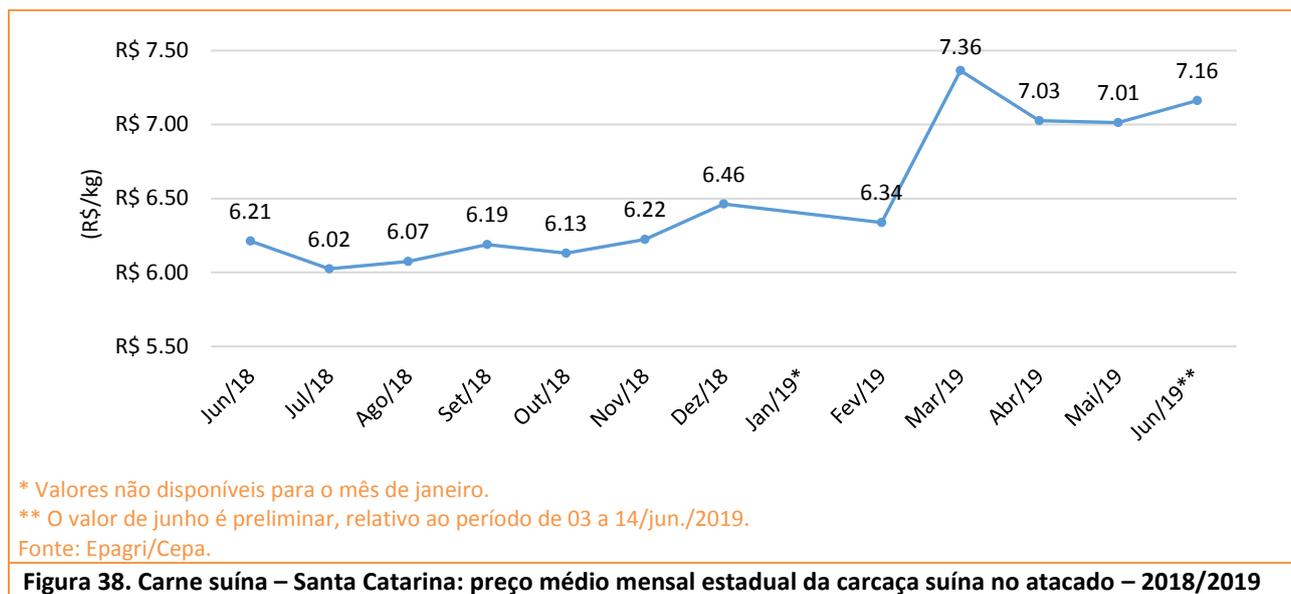


Figura 38. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – 2018/2019

Exportações

No início de junho, o Ministério da Economia, órgão que atualmente responde pela área de comércio exterior, divulgou nota informando que havia efetuado o reprocessamento dos dados de exportação de 2018 (janeiro a dezembro) e 2019 (janeiro a maio), com o objetivo de tornar as informações contidas no Comex Stat mais fidedignas.

Dentre outras coisas, o reprocessamento teria buscado corrigir problemas de associação das notas fiscais às Declarações de Exportação (DU-Exp), o que comprometia a identificação das unidades da federação de origem dos produtos exportados nos casos de Embarque Antecipado. Segundo informou o ministério, o reprocessamento visou capturar as apresentações tardias de notas fiscais e, conseqüentemente, a atribuição correta dos valores exportados à UF Produtora informada na nota.

Os procedimentos realizados provocaram algumas alterações nos dados previamente contidos no Comex Stat, inclusive no ano de 2018. No caso da carne suína, por exemplo, anteriormente o sistema registrava a exportação de 635.453 toneladas, com receitas de US\$ 1,191 bilhão. Após o reprocessamento, a quantidade passou a ser de **635.426 toneladas** (redução de cerca de 27 toneladas) e as receitas caíram para **US\$ 1,189 bilhão** (queda de aproximadamente US\$ 1,22 milhão).

Embora os valores nacionais tenham se mantido praticamente inalterados, no âmbito dos estados houve alterações mais significativas, em especial no caso de Santa Catarina. Até maio, o Comex Stat informava que em 2018 Santa Catarina havia exportado 326,30 mil toneladas de carne suína, com faturamento de **US\$ 608,39 milhões**. Após o reprocessamento, o sistema passou a registrar o montante de 360 mil toneladas, com faturamento de **US\$ 654,00 milhões**.

As efetivas razões e impactos de tais mudanças ainda estão em análise e devem ser detalhadas nos próximos boletins. Contudo, de forma preliminar é possível afirmar que parte da carne suína produzida e exportada por Santa Catarina vinha sendo contabilizada em prol de outras unidades da federação.

Os valores apresentados no presente boletim já levam em consideração o reprocessamento, a não ser em casos específicos e devidamente indicados. Os próximos boletins também adotarão o mesmo padrão.

Em maio, o Brasil exportou **66,17 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de **9,78%** em relação a abril e de **41,62%** na comparação com maio de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Figura 39. Carne suína – Brasil: exportações – 2018/2019

O faturamento de maio foi de **US\$ 142,64 milhões**, aumento de **14,82%** em relação ao mês anterior. Quando comparado a maio de 2018, o resultado é ainda mais expressivo: aumento de **56,47%**.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em maio foram China, Hong Kong, Chile, Uruguai e Rússia, que responderam por 75,31% das receitas. China e Hong Kong foram responsáveis por 56,34% do valor exportado pelo Brasil em maio.

De janeiro a maio, o Brasil exportou **281,26 mil** toneladas de carne suína, volume **16,49%** superior ao mesmo período de 2018, com receitas de **US\$ 562,20 milhões**, aumento de **14,73%** em relação ao ano anterior.

Segundo os dados divulgados pelo Ministério da Economia, na primeira semana de junho (5 dias úteis) registrou-se pequena alta na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a maio: 1,31% em valor e 0,17% em quantidade. Por outro lado, na comparação com junho de 2018 a variação nas médias diárias é expressiva: 118,68% em valor e 86,20% em quantidade. Contudo, é necessário lembrar que junho de 2018 foi justamente o mês mais afetado pela paralisação de caminhoneiros ocorrida no final de maio, o que contribui para que as diferenças sejam tão significativas.

Com as mudanças metodológicas e o reprocessamento mencionado anteriormente, houve também alterações significativas nos registros de exportação de Santa Catarina no 1º quadrimestre deste ano. Para que se tenha uma ideia, na edição anterior do Boletim Agropecuário informou-se que as exportações catarinenses de carne suína em abril de 2019 haviam sido de 27,83 mil toneladas, com receitas de US\$ 56,29 milhões. De acordo com os dados reprocessados, na realidade as exportações catarinenses em abril foram de 34,52 mil toneladas, com receitas de US\$ 67,97 milhões.

Em maio, Santa Catarina exportou **37,89 mil** toneladas de carne suína, **alta de 9,76%** na comparação com o mês anterior e de **39,81%** em relação a maio de 2018.

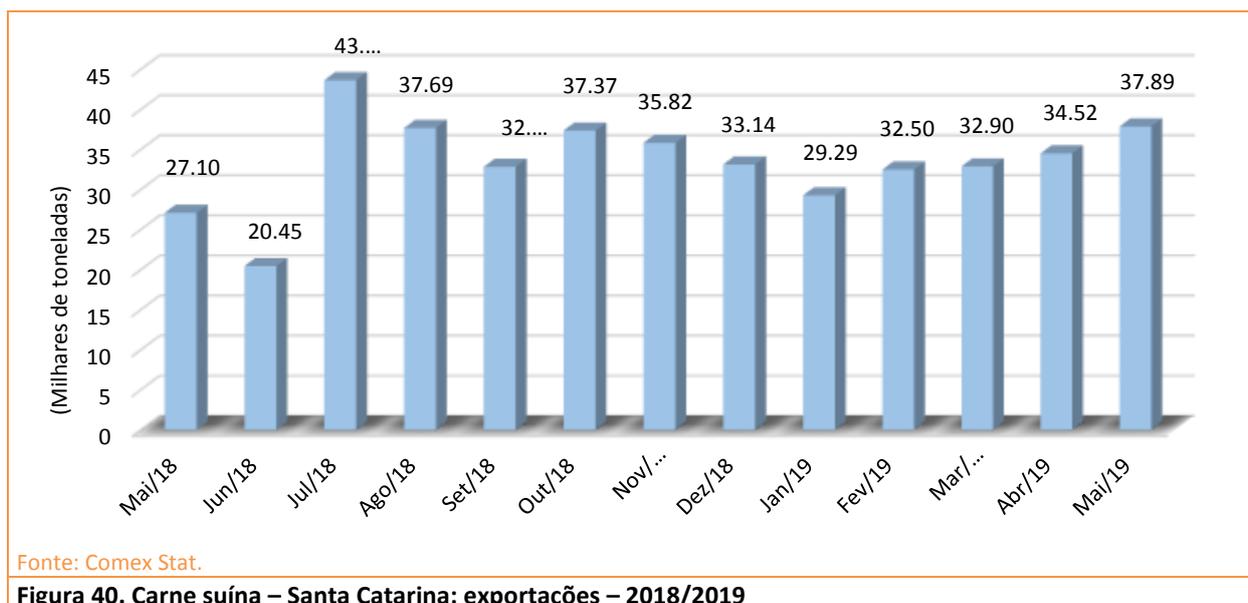


Figura 40. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2018/2019

Em termos de faturamento, em maio registrou-se o montante **US\$ 77,93 milhões**, aumento de **14,65%** em relação a abril e de **50,84%** na comparação com maio do ano passado.

De janeiro a maio, o estado exportou **167,10 mil toneladas**, crescimento de **40,40%** em relação ao mesmo período de 2018, com faturamento de **US\$ 319,87 milhões**, alta de **33,98%** na comparação com o ano anterior.

Com esses resultados, Santa Catarina foi responsável por 56,89% das receitas e 59,41% da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil nos cinco primeiros meses deste ano, consolidando-se como principal exportador de carne suína do país.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em maio foram responsáveis por 80,07% das receitas e 76,89% da quantidade embarcada.

Tabela 16. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – maio/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	36.058.458,00	16.286
Hong Kong	10.626.396,00	6.208
Chile	9.211.383,00	4.135
Rússia	3.376.133,00	1.230
Argentina	3.120.786,00	1.271
Demais países	15.534.647,00	8.757
Total	77.927.803,00	37.887

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais importadores da carne catarinense em maio, oito apresentaram variação positiva, quando comparados com o mesmo mês de 2018. Destacam-se os crescimentos dos embarques para a China (83,94% em valor e 62,65% em quantidade), Chile (101,79% e 97,25%), Uruguai (120,43% e 119,81%) e Japão (428,26% e 351,24%). A Argentina, que vinha apresentando resultados negativos nos últimos

meses, finalmente voltou a registrar números positivos, com aumento de 24,79% no montante de carne suína comprada de Santa Catarina, quando se compara maio de 2019 com o mesmo mês de 2018. Também merece menção a gradativa retomada dos embarques para a Rússia.

Outro dado que chama a atenção é o aumento de 2.678,90% nos embarques de carne suína para o Vietnã. Contudo, a quantidade ainda é pequena, tendo passado de 26 toneladas em maio de 2018 para cerca de 723 toneladas em maio deste ano. É possível que esse aumento esteja relacionado aos casos de peste suína africana detectados naquele país e que tem levado à eliminação de parte do rebanho suíno.

Segundo nota divulgada pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) no início da segunda semana de junho, a crise vivenciada pela suinocultura chinesa fez com que a fatia da participação chinesa nas exportações brasileiras seja a maior já registrada. Além do maior volume embarcado, o Brasil também se beneficiou da valorização do preço da carne e da alta do dólar, segundo análise do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). “O preço mais elevado da carne que é exportada aumenta a atratividade do mercado internacional frente à do doméstico”, afirmaram os analistas do Cepea em nota.

Peste suína africana na China

Segundo relatório divulgado na segunda semana de junho pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), até aquele momento 3,34 milhões de suínos já haviam sido eliminados em diversos países asiáticos por causa da contaminação com a peste suína africana (PSA). O número representa um aumento de 504 mil animais em relação ao levantamento anterior da organização, de 30 de maio. Os dados da FAO foram contabilizados até seis de junho. De acordo com a FAO, o balanço da entidade compila informações extraídas de relatórios dos órgãos federais dos países. A situação mais crítica é a da China, onde já foram detectados 138 focos da doença em 32 províncias, incluindo a região de Hong Kong. Desde a identificação do surto, em agosto do ano passado, 1,13 milhão de animais foram eliminados, segundo os números oficiais.

Além dos estragos causados na China, a doença já atingiu diversos outros países da região. No Vietnã, por exemplo, a epidemia já afetou 54 regiões desde fevereiro. Segundo o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural do país, 2,2 milhões de suínos foram eliminados em virtude da infecção com o vírus. A Coreia do Norte permanece com apenas um foco da doença identificado. No Camboja, um foco foi detectado e 2,4 mil animais foram sacrificados.

Tais números diferem significativamente daqueles apresentados por outras instituições e que apresentam um cenário muito mais grave associado à essa doença. Segundo estimativas não oficiais, a China já teria eliminado cerca de 20% de seu rebanho, algo sem precedentes na história da suinocultura chinesa e mundial. Alguns especialistas chegam a falar em “maior surto de doença animal já ocorrido no planeta”.

Fusão entre BRF e Marfrig

Em fins de maio, BRF e Marfrig divulgaram a assinatura de um memorando de entendimento com o objetivo de avaliar a potencial fusão entre as duas empresas. Os estudos devem ser concluídos em, no máximo, 4 meses, quando então será possível saber se a fusão se efetivará ou não. Caso se concretize, dará origem à quarta maior empresa do setor de proteínas animais do mundo, atrás apenas da brasileira JBS, da americana Tyson Foods e da chinesa Smithfield.

Os impactos dessa possível fusão nas estratégias das empresas e sobre o segmento da produção de animais ainda não são totalmente conhecidos. Contudo, acredita-se que nos próximos meses surjam novas informações que ajudem a elucidar essas questões.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

O Conseleite/SC tem um histórico de mais de 12 anos. Ainda há vários aspectos para aprimorar, mas é fato que a sua institucionalização em muito contribuiu/contribui para melhorar as relações entre os produtores e as indústrias de leite. Também, aumenta o número de interessados em conhecer resultados das suas reuniões mensais, particularmente o preço de referência do leite.

Em todos os meses de 2019, exceto em março, o preço de referência aumentou em relação ao mês anterior. Além disso, superou o preço do mesmo mês de 2018, com diferença muito expressiva em janeiro e fevereiro. Na última reunião do Conseleite (23/05), o preço de referência para o leite padrão⁹ foi projetado em R\$ 1,2591/l, 9,3% acima do valor de maio de 2018.

Tabela 17. Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2016-19						
Mês	R\$/litro na propriedade, e com Funrural incluso				Var. %	
	2016	2017	2018	2019	2018/17	2019/18
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	-10,1	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	-8,7	21,5
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	-4,9	10,1
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2185	-3,4	7,9
Mai	1,1430	1,1733	1,1522	1,2591	-1,8	9,3
Junho	1,3363	1,1394	1,3454		18,1	
Julho	1,5500	1,0617	1,4050		32,3	
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997		27,6	
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582		34,2	
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351		29,3	
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358		13,8	
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228		14,7	
Média	1,1408	1,0634	1,1793		10,9	

Maio/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Neste mês de junho, a reunião acontecerá no dia 19, mas, pelo crescimento da oferta combinado com o quadro de fraca demanda, se espera redução do preço de referência, ou, no máximo, elevação bem discreta. Com isso, junho de ser o primeiro mês de 2019 em que o preço de referência ficará bem abaixo do alcançado no mesmo mês de 2018, o que tende a se repetir na maior parte dos meses seguintes.

Em relação a este mês de junho, a Epagri/Cepa ainda não tem os preços recebidos pelos produtores de todas as regiões em que realiza levantamento, o que impede o cálculo da média estadual. Mas, os dados e informações preliminares dão conta que o preço médio deve ser inferior ao valor de maio, que, até agora,

⁹ O leite padrão contém entre 3,50 e 3,59% de gordura, entre 3,11 e 3,15% de proteína, entre 450 e 499 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana e volume individual entregue de até 50 litros/dia. De acordo com parâmetros de ágio e deságio são estabelecidos, também, preços para o leite acima do padrão e para o leite abaixo do padrão. Atualmente estes preços são, respectivamente, 23% superior e 8,5% inferior ao preço do leite padrão.

foi o pico do ano. O cenário mais provável para os próximos meses é de reduções importantes nos valores recebidos, já que a tendência é a oferta interna aumentar muito em relação aos níveis atuais e complicar ainda mais as já difíceis negociações de preços dos lácteos das indústrias com o varejo.

Tabela 18. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2016-19

Mês	R\$/l posto na propriedade				Var. %	
	2016	2017	2018	2019	2017-18	2018-19
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	-14,5	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	-21,7	24,5
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	-23,2	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	-21,1	26,7
Maio	1,11	1,29	1,09	1,33	-15,5	22,0
Junho	1,19	1,29	1,14		-11,6	
Julho	1,29	1,25	1,30		4,0	
Agosto	1,52	1,13	1,35		19,5	
Setembro	1,41	0,99	1,31		32,3	
Outubro	1,24	0,91	1,28		40,7	
Novembro	1,10	0,92	1,24		34,8	
Dezembro	1,08	0,95	1,11		16,8	
Média anual	1,16	1,13	1,14		0,8	

⁽¹⁾Preço médio mais comum no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.